

FACULDADES INTEGRADAS

“ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”

FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

IDOSO PROVIDOR DE FAMILIA

Daniela Gomes de Freitas

Maria Aparecida Silva da Rocha

Rosana Ferreira da Silva

Viviane Breda

Presidente Prudente

2005

FACULDADES INTEGRADAS

“ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”

FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

IDOSO PROVIDOR DE FAMILIA

Daniela Gomes de Freitas

Maria Aparecida Silva da Rocha

Rosana Ferreira da Silva

Viviane Breda

Monografia apresentada como requisito parcial de Conclusão de Curso para obtenção do Grau de Bacharel em Serviço Social, sob orientação da Prof^a. Mestra Maria Ângela C. de S. Maltempi.

Presidente Prudente

2005

IDOSO PROVEDOR DE FAMÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Bacharel em Serviço Social

Maria Ângela C. de S. Maltempi

Márcia Heloisa de Oliveira

Jacqueline Bento Martinho

Presidente Prudente/SP, 30 de novembro de 2005

Velhice é vida

Por que será que dizem por aí
Que velhice é o fim da vida
Ao passarem os anos e embranquecerem os meus cabelos
E as rugas sulcarem meu rosto, assim,
Eu já vi muita criança e jovem chegar inesperadamente, ao fim.
O fim, que não tem tempo, nem tem hora.
Pode ser depois de muitos anos,
amanhã, hoje ou até mesmo agora!
A velhice não é o fim!
É a plenitude da vida
Fruta bem sazoadada e gostosa
Para ser saboreada, devagar e cautelosamente
ate que dela nada mais nos resta.
O anoitecer tem muito mais beleza
Que o sol a pino ao meio dia
Que passa desejando inclemente
Murchando folhas e crescendo flores.
O anoitecer é embalsamado pelo perfume
Das corolas entreabertas
E pelo som amoroso da algaravia,
Do chilrear dos passarinhos
Neste estágio da vida
Que se convencionou chamar – VELHICE
Eu canto a vida, amo a vida,
Gozo a vida,
Eu vivo a vida!

Maria G. Marini

Agradecimentos

Agradeço à Deus, pela sua presença em todos os momentos de minha vida,
Aos meus pais, Janete e José, minhas irmãs Liliane e Cristiane, meu cunhado Leandro, e meus avós, pelo afeto e dedicação, por me ajudar e me apoiar a concretizar essa etapa da minha vida,

A nossa Orientadora, e a todos que de certa forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Viviane Breda

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que com sua luz divina iluminou meu caminho para que pudesse assim alcançar meu objetivo.

A minha mãe Lucia Nadolny, minha irmã Valeria Gomes de Freitas os meus mais carinhosos e sinceros agradecimentos, por toda dedicação, força, carinho e amor.

Ao meu namorado aos meus amigos muito obrigado pela força pelo apoio nos momentos de desânimo e de dificuldade, pelo amor e carinho.

Aos professores e supervisores, em especial para professora Silvana Malaman Trevisan Dias Batista minha musa inspiradora, para nossa super orientadora, meus maiores agradecimentos, pela participação essencial na minha formação profissional e na realização deste trabalho.

Daniela Gomes de Freitas

Agradeço a Deus por ter iluminado meu caminho para que realizasse mais esse objetivo em minha vida.

A minha mãe Laura, ao meu padrasto e ao meu namorado por toda dedicação e pela força em todos os momentos dessa minha nova etapa.

A nossa orientadora e a todos que me ajudaram nessa nova fase de minha vida, o meu muito obrigado.

Rosana Ferreira da Silva

Agradeço a Deus pela conquista deste objetivo tanto almejado em minha vida.

Em especial ao meu marido Arnaldo, meus filhos Roberto, Renata e Ronaldo, ao meu neto Sergio Henrique, aos amigos, em especial a minha amiga Sonia Raveli, agradeço pelo amor, carinho, colaboração, dedicação e incentivo nesta nova conquista.

Aos professores e a minha orientadora e a todos que me ajudaram, meus maiores agradecimentos pela colaboração neste trabalho que para mim é uma grande vitória, de muita importância para minha vida profissional.

Maria Aparecida Silva da Rocha

RESUMO

Com o aumento da população idosa no Brasil essa nova demanda passa a exigir uma nova postura diante da família e da sociedade. Diante disso, é preciso que o idoso conte com políticas públicas para assim envelhecer com uma melhor qualidade de vida, tornando-se cidadão reconhecido e incluído no contexto social. Aprofundamos nosso estudo, com o objetivo de conhecer a dinâmica familiar na qual o membro idoso contribui para a manutenção da renda familiar, bem como sua forma de vida. O universo pesquisado foi o grupo de terceira idade da Igreja Bom Jesus, na Vila Industrial em Presidente Prudente, mais especificamente quatro integrantes do sexo feminino com faixa etária entre 60 a 75 anos. Com a reconstrução da trajetória de suas vidas, através de seus depoimentos, verificamos muitas conquistas conseguidas na velhice e que, durante sua juventude foram apenas adiadas, mostrando que a velhice não é o fim da vida e sim o começo de nova vida e que o fato de contribuir na manutenção de suas famílias não impede que elas deixem de viver com alegria e muita força de vontade.

Palavras-chave: Idoso Provedor. Sociedade. Estado. Família. Envelhecimento.

ABSTRACT

Since there is an increase of the elderly population in Brazil, this new fact begins to demand a new position towards the family and the society.

Because of that, it is necessary that the elderly count on public politics, in order to grow old with a better life quality, becoming a recognized citizen included in the social context.

We have gone deeper into our study, aiming to get to know the family's dynamic in which its elderly member contributes to the family income, as well as its way of life.

The researched universe was the elderly group of the Church Good God, more specifically four members of female sex aged from 65 to 70 years old.

Reconstructing their life's trajectory, through their testimonies, we have verified many accomplishments in the elderly stage that were just postponed during their youth, showing that the elderly is not the end of life but the start of a new life, and that the fact of contributing to their families' upkeep does not prevent them from living with happiness and much effort.

KEY WORDS: elderly provider, society, State, family, aging.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DO IDOSO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
1.1 Demografia	12
1.2 O perfil do homem e da mulher na terceira idade.....	17
1.3 Trabalho e aposentadoria	22
1.4 Envelhecimento e trabalho na sociedade.....	23
1.5 Uma sociedade imediatista	25
1.6 A aposentadoria como um momento de ruptura.....	27
1.7 O estigma da velhice	29
2.0 IDOSO DIANTE DA FAMÍLIA, DA SOCIEDADE E DO ESTADO.	
2.1 O idoso na sociedade brasileira.....	34
2.2 O idoso e as Políticas Públicas no Brasil.....	38
2.3 Políticas setoriais e serviços oferecidos.....	41
2.4 A relação família-idoso	49
2.5 A família como formadora de estruturas sociais.....	51
2.6 Aspectos biopsicossociais do envelhecimento.....	54
2.7 O relacionamento intergeracional familiar.....	56
2.8 As mudanças no ciclo de vida familiar	57
3. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	
3.1 Metodologia	61
3.2 Estudo de Caso	65
3.2.1 Dona Mariquinha	65
3.2.2 Dona Toninha	68
3.2.3 Dona Cotinha.....	70
3.2.4 Dona Dinda.....	71
3.3 Análise e interpretação dos dados	74
CONCLUSÕES	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS	
1. Roteiro de Entrevista	92
2. Formulário	93

Introdução

Estamos vivendo diante de uma transição demográfica, o que significa uma mudança de índices de alta mortalidade, alta fecundidade para os de baixa mortalidade para a baixa fecundidade, e como consequência menos crianças e mais idosos provocando o envelhecimento da população.

Nas últimas décadas muitos fatores contribuiriam para o aumento da expectativa de vida: os avanços da medicina e a prevenção de doenças, mudanças nos padrões alimentares e de higiene, o avanço tecnológico marcando uma melhora na qualidade de vida, tanto em nível econômico como político e cultural.

Segundo dados do IBGE, o Brasil deveria ser o sexto país do mundo em contingente de idosos até 2005 sendo que, em média, as mulheres vivem oito anos a mais que os homens.

No Brasil os investimentos sociais para essa demanda não acompanham o número de idosos que vem aumentando a cada ano.

As políticas sociais e os programas voltados para essa população não são suficientes para atender a todos, principalmente aos dependentes dessas políticas públicas, havendo assim uma necessidade de atendimento para que haja uma conscientização do governo e da sociedade.

Goldman, (2004, pg 63), destaca que as transformações tecnológicas e no mundo do trabalho causam impacto em toda sociedade e em todas gerações. No entanto o segmento idoso é o que mais sofre as mazelas decorrentes dessas transformações conjunturais

Temos presenciado a marginalização dos idosos que parece mais evidenciada no modo de produção capitalista, em sociedades que atingiram certo grau de urbanização e requerem um contingente de trabalho produtivo jovem e dinâmico.

Isso quer dizer que em uma sociedade como a nossa, capitalista que almeja sempre a produção, os idosos são excluídos por não produzirem com tanta eficácia.

A aposentadoria passa a ser a única fonte de renda para a maioria dos idosos, sendo eles, muitas vezes, os provedores de seus lares dada a situação conjuntural do desemprego, estamos diante de uma grande massa de aposentados globalizados, ou seja, que são excluídos.

Nas famílias mais pobres, o idoso pode ser tido como um empecilho, mas também pode ser a única fonte de renda. Goldman(2004, p. 65), afirma que as famílias principalmente nos municípios mais pobres, em que os idosos com sua pensão ou aposentadoria mantêm despesas financeiras. Vimos atualmente o crescente número de idosos que permanecem em sua família, assumem papéis antes não assumidos, como o de provedores do lar.

Diante da situação em que se encontram muitos idosos, ou seja, em situação de exclusão social, buscaremos conhecer os impactos sofridos por essa população assim como o contexto em que vivem, considerando que são os provedores de seu próprio sustento e de sua família.

No primeiro capítulo trataremos do envelhecimento no Brasil, a trajetória dos idosos até a aposentadoria, o estigma que atinge a velhice e seu reflexo sobre o perfil do idoso.

No segundo capítulo discutiremos o papel da família, do Estado e da sociedade. Nessa fase a família passa a assumir suas relações com seus idosos, e é através de sua sabedoria e experiência que se projetam para um futuro mais digno e uma melhor qualidade de vida. É dever do Estado, através de suas políticas públicas voltada para esta demanda, reinserí-los no contexto social.

No terceiro capítulo descreveremos a metodologia, a análise e a interpretação dos dados, juntamente com a história de suas vidas nas quais contextualizamos seus depoimentos e emoções ao relatar suas experiências de vida, um tanto de tristeza, mas de alegria também.

Finalizamos a pesquisa refletindo sobre a trajetória de vida e suas experiências, e a sua nova posição vivenciada diante de suas famílias.

1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DO IDOSO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

1.1 Demografia

Hoje se mostra clara a importância de estudar e de compreender as mudanças ocorridas com os idosos em nossa sociedade. Segundo Camarano (2002) apud Freitas (2004, pg.19):

O crescimento relativamente mais elevado do contingente idoso é resultado de suas mais altas taxas de crescimento dada à alta fecundidade prevalecente no passado comparativamente à atual e à redução da mortalidade. Enquanto o envelhecimento populacional significa mudanças na estrutura etária, a queda da mortalidade é um processo que se inicia no momento do nascimento e altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade.

Segundo Freitas (2004, p. 19) o fenômeno do aumento do contingente de idosos foi notado primeiro nos países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento ele só foi notado a partir de 1950, com cinquenta anos de defasagem em relação aos países desenvolvidos despertando para a necessidade da adoção de políticas específicas com o objetivo de propiciar um envelhecimento ativo, respeitando-se os direitos, as propriedades, as preferências, as capacidades e a dignidade dos idosos.

A população de idosos representa, no Brasil, um contingente de quase 15 milhões de pessoas com sessenta anos ou mais de idade (8,6% da população brasileira) segundo dados de 2003 divulgados pelo IBGE.

Podemos presumir que nos próximos vinte anos a população idosa no Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas representando 13% da população no final deste período.

A proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. Em 1980 eram cerca de dezesseis idosos para cada cem crianças. Em 2000 dobra o número de idosos passando a 32 para cada 100 crianças.

Segundo Ramos (2002) apud Freitas (2004, p.22) são quatro os estágios da transição demográfica:

- no primeiro estágio verifica-se alta fecundidade e alta mortalidade;
- no segundo estágio temos alta fecundidade e a mortalidade começa a cair;
- no terceiro estágio tanto a fecundidade quanto a mortalidade começam a cair, aumentando o número de adultos e paralelamente o de idosos;
- e finalmente, o quarto estágio em que ocorre uma contínua redução na fecundidade, com queda contínua da mortalidade em toda população, aumentando de modo expressivo o número de idosos.

O Brasil se encontra no terceiro estágio da transição demográfica. Os números mostram que atualmente, uma em cada dez pessoas tem sessenta anos de idade ou mais, e para 2005 estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo em desenvolvimento e de uma para três nos países desenvolvidos.

A população idosa brasileira, por sua vez, também está envelhecendo. A idade média de vida é, hoje, de 68,5 meses (IBGE, 2003). Esta média está cada vez mais elevada: 11% da população idosa tem 80 anos ou mais. Segundo as projeções o número de pessoas com 100 anos ou mais aumentará 15 vezes, passando de 145.000 pessoas em 1999 para 2,2 milhões em 2050. São Paulo tem o maior número de pessoas com cem anos ou mais, seguido pela Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Verificamos que, entre as capitais, Rio de Janeiro e Porto Alegre se destacam com maior proporção de idosos: 12,8% e 11% da população total respectivamente. São Paulo se encontra em 5º lugar com 9% de idosos no conjunto de sua população. Em contrapartida, as capitais do norte, Palmas e Boa Vista, apresentaram uma proporção de idosos de apenas 3,8% e 2,7%, respectivamente, conforme dados do IBGE (2000).

Há regiões e estados onde o número de Idosos é maior e constituído na grande maioria por mulheres, principalmente em áreas migratórias na quais os mais jovens vão tentar ganhar a vida nas cidades grandes deixando para trás os mais velhos, mulheres e crianças.

Quanto ao estado civil a proporção de homens idosos casados é maior que a de mulheres sendo maior ainda o número de viúvas, segundo dados da ONU (2003) para o Brasil. Também são mulheres a maioria dos idosos responsáveis pelos domicílios (8,9 milhões 62,4%) e elas tem em média 69 anos de idade e 3,4 anos de estudo. No Brasil as mulheres vivem, em média, oito anos a mais que os homens. (IBGE, 2000)

No Brasil, no início do século XX a expectativa de vida era de 33 anos e 7 meses, verificando-se que, em cem anos, houve um aumento de 34 anos e 8 meses passando essa expectativa de vida para 68 anos e 5 meses segundo fonte do IBGE (2003).

A queda da taxa de fecundidade ainda é a principal responsável pela redução do número de crianças, mas a longevidade vem contribuindo para o aumento de idosos na população. A maioria deles vive nas grandes cidades, podendo beneficiar-se, especialmente aquela que é viúva, da proximidade com seus filhos, dos serviços de saúde e de outras facilidades do cotidiano.

Não podemos concluir que apenas o aumento da expectativa de vida seja o único elemento a contribuir para o elevado número de idosos. A baixa natalidade, o avanço tecnológico, o avanço da medicina com a descoberta dos antibióticos e das

vacinas, a criação das Utl's, a melhoria das condições de saneamento básico são outros fatores que também devem ser levados em conta.

A saúde pública vem tendo um grande êxito no tratamento do envelhecimento populacional através da atuação preventiva e curativa, diminuindo a mortalidade e aumentando a expectativa de vida. Mas além da saúde devemos considerar que outras políticas como as de moradia, educação e lazer também contribuem para o aumento da longevidade.

O Censo de 2000 (IBGE) verificou que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos seus domicílios enquanto que em 1991 eram de 60,4%. A distribuição por sexo revela que, em 2000, 37,6% desses responsáveis idosos eram do sexo feminino, enquanto no início da década passada essa proporção atingia 31,9%. Isso mostra que o número de mulheres idosas responsáveis pelo domicílio vem crescendo nos últimos anos.

Destaca-se ainda que a idade média do responsável por domicílio idoso, em 2000, estava em torno de 69,4 anos (70,2 anos quando o responsável era do sexo feminino e 68,9 para o idoso responsável do sexo masculino). Entre os domicílios sob a responsabilidade de idosos, os domicílios unipessoais, isto é, aqueles com apenas um morador, eram, em 2000, 1.603.883 unidades o que representava 17,9% do total. Em 1991 essa porcentagem era de 15,4%. A proporção de mulheres idosas que morava só, em 2000 era de cerca de 67%. A proporção de domicílio unipessoais de idosos são mais freqüentes nos estados Sul e Sudeste e nas capitais como se vê nos dados que se seguem: Porto Alegre: 27,1%, Rio de Janeiro: 23%, Curitiba: 21,3% e São Paulo: 20,0%.

Outro dado importante é que da grande maioria de idosos responsáveis pelos domicílios, em todo o país, 64% deles mora com ou sem cônjuge, mas com filhos e outros parentes na mesma casa.

Nos domicílios onde a idosa é responsável é mais recorrente a forma de organização familiar sem o cônjuge (95,3%), pois esses domicílios são ocupados por idosas viúvas ou sozinhas.

Quanto ao número de anos de estudos dos idosos responsáveis pelo domicílio, o censo 2000 revela a média de 3,4 anos (3,5 anos para os homens e 3,1 anos para as mulheres) que pode ser considerada muito baixa. Na comparação com 1991, houve um aumento nesta média para ambos os sexos, e o crescimento na média das mulheres foi maior do que o dos homens: 29,2% e 25,6%, respectivamente.

Segundo Freitas (2004, p.27) no que diz respeito ao mercado de trabalho, nos países onde a renda *per-capita* é maior, a taxa de idosos que trabalham é menor. Nos países desenvolvidos 23% dos homens idosos são ativos. Já nos países em desenvolvimento esse número é de 52%. Comparando com o número de mulheres idosas ativas elas são 10% nos países desenvolvidos e 20% nos países em desenvolvimento (ONU 1999). De 1991 para 2000 o rendimento médio do idoso responsável pelo domicílio passou de R\$ 403,00 para R\$ 657,00, sendo que os homens ganhavam mais do que as mulheres: R\$ 752,00 contra R\$ 500,00.

Entre os Estados, o Distrito Federal e o Rio de Janeiro tem os maiores rendimentos médios para os idosos: R\$ 1.796,00 e R\$ 1.018,00 respectivamente. Já os estados do Nordeste têm os menores rendimentos, com destaque para o Maranhão (287,00). Em São Paulo os idosos têm rendimento mensal médio de 781,00 reais segundo o Censo 2000 (IBGE). O IBGE não tem dados específicos para Presidente Prudente.

Em geral, o menor rendimento médio dos responsáveis idosos em áreas rurais é o do Nordeste (198,00), equivalente a apenas 36,3% do mesmo rendimento no Centro Oeste (546,00), ou a 49,7% do rendimento na área rural das regiões Sul e Sudeste segundo o Censo 2000 (IBGE).

O estudo da distribuição dos rendimentos entre os idosos responsáveis pelos domicílios (segundo os dados do IBGE) indica uma melhora no período analisado: enquanto em 1991, mais da metade dos idosos responsáveis no país (52%) recebia até um salário mínimo, em 2000 essa porcentagem cai para 44,5%. Observa-se que em 1991, 45,8% dos idosos responsáveis que viviam na área urbana recebiam até um salário mínimo e em 2000 esta proporção passou para 35,8% do salário mínimo. No mesmo período, a proporção de idosos responsáveis recebendo mais de cinco salários aumentou sete pontos percentuais.

Já na área rural, a proporção de idosos responsáveis pela manutenção da família que recebiam até um salário mínimo passou de 72,3% em 1991 para 65,0% em 2000 (Censo 2000 (IBGE)).

Para alguns idosos a aposentadoria torna-se a única fonte de renda de sua família, pois na maioria dos casos moram com filhos e netos, vivendo de sua aposentadoria.

Segundo Camarano e Mello (Revista Veja, 23/02/2005, p.8)

Um dos programas de distribuição de renda é o das aposentadorias rurais, custeadas pela previdência social. Essas aposentadorias mudaram as relações sociais no campo. Hoje, a renda das famílias com aposentadorias é 44% maior que a daquelas que não tem um velhinho.

Nas famílias que tem aposentados em casa a probabilidade de ficarem abaixo da linha da pobreza é de 50%. Cresceu 26% o número de aposentados que chefiam as famílias nos últimos 20 anos.

1.2 O perfil do homem e da mulher na Terceira Idade

Segundo Berquó (1996) apud Bassit (2004, p. 138) o envelhecimento da população brasileira introduziu uma mudança significativa nas relações de gênero à medida que a maioria dos idosos é constituída por mulheres com 65 anos ou mais.

Podemos dizer que a maioria das idosas vive sozinha e tem dificuldades para se inserir no mercado de trabalho formal por causa de sua baixa escolaridade.

A predominância das mulheres entre os idosos levanta uma demanda por serviços e políticas públicas que possam atendê-las, pois estas se preocupam com a sua saúde procurando mais esses serviços que os homens. Esses serviços ultrapassam a ótica dos serviços e políticas públicas de saúde e com isso estamos enfatizando as conseqüências negativas do envelhecimento e por conseqüência excluindo aqueles idosos que envelhecem com saúde e tem outras necessidades.

Estudos mostram que as mulheres idosas utilizam os serviços de saúde com maior freqüência do que os homens idosos. Mas temos que considerar que a maioria das idosas tem hoje uma situação econômica insustentável proveniente de trabalho mal remunerado ou dependência da pensão do marido. Temos a considerar que, além de serem maioria, elas envelhecem sozinhas, sem a companhia do parceiro e, muitas vezes, ainda têm a responsabilidade de cuidar de outros idosos.

Considerando o aumento da expectativa de vida, sobretudo para as mulheres, verificamos que estas são vitimas do sofrimento seja por sua exclusão no mundo do trabalho, seja pela incapacidade do Estado e das famílias de assumirem seus idosos, ou, seja ainda, pelas perdas que a velhice acarreta.

Outro aspecto na relação entre mulheres e envelhecimento é a sua posição de subalternidade, que acontece em diferentes sociedades, e pela qual a mulher é submetida à dominação e ao poder masculinos que estabelecem não apenas diferenças mas desigualdades entre homens e mulheres.

A maioria das mulheres ainda define envelhecimento a partir das incapacidades que este pode trazer, como a exclusão de suas vidas dos significados que reafirmam sua identidade como mulheres adultas, família e trabalho; o envelhecimento causa uma exclusão da vida normal, é um período que

não é caracterizado como morte, mas como uma espécie de morte: uma transição entre a vida que tinham e a morte.

Apesar dessa situação, as mulheres mantêm disposição para lutar por uma posição na qual não se sintam abandonadas pela família, amigos e sociedade. Essa disposição indica que esse período representa, na verdade uma transição dos valores que configuram a sua vida adulta para valores que gostariam de afirmar no presente.

Uma das conseqüências do envelhecimento para as mulheres idosas é a transição para a velhice feminina. Essa transição acontece entre a idade adulta e a velhice, como uma passagem silenciosa, ou um motivo para dar início a um novo padrão cultural.

É um momento de reflexão sobre quais caminhos vão ser trilhados, é uma análise do processo de envelhecimento feminino, em que esta passagem pode significar perda de valores que reafirmavam a identidade das mulheres. A capacidade reprodutiva das mulheres no processo de construção da sua identidade assume um importante papel, à medida que as especificidades do corpo feminino são usadas para marcar a inserção das mulheres na realidade social.

Nessa transição para a velhice, as mulheres passam por um período silencioso, carregado de medos, que as exclui de suas próprias vidas, e as coloca num lugar incerto e sem perspectiva de futuro perceptível. Além disso, a valorização do corpo saudável em nossa sociedade colocam as pessoas que estão envelhecendo, homens e mulheres, como um símbolo de fracasso e, também, bem próximos da morte.

A fase da menopausa é um momento ótimo para as mulheres darem início a uma nova fase de sua vida. É um momento em que já deixaram de cuidar dos filhos, e estão preparadas para realizar atividades que antes não conseguiam realizar devido à suas responsabilidades no trabalho e no casamento.

O gênero influencia no comportamento e nas atitudes das pessoas. Para confirmar esse dado temos como exemplo o envolvimento com novas tecnologias, ou atitudes positivas em relação à vida, raça, religião, entre outros.

O perfil da mulher idosa, seja viúva ou casada, é sempre o mesmo. Todas demonstram interesse em ocupar o tempo em algo agradável e ao mesmo tempo produtivo. Elas também buscam trabalhos que possam ser úteis para a família ou obras filantrópicas.

Muitas delas que sonharam em participar de programas que atendem essas pessoas nos grupos de convivências para a terceira idade, para dividirem experiência, levantar a auto estima, fazer novas amizades encontram nesses núcleos como o da Igreja Bom Jesus um novo mundo.

O comportamento do homem idoso que não se preparou para viver seu futuro, mostra uma pessoa que viveu as etapas da vida sem se aperceber delas: viveu sempre correndo contra o tempo. A responsabilidade que lhe foi imposta tinha uma dimensão muito grande e sua auto confiança foi minada pela insegurança. Esta realidade se reflete em todas as etapas da vida e é, muitas vezes, responsável por fracassos em sua vida profissional.

Não é raro vermos homens em idade madura, física e mentalmente bem, mas com um comportamento infeliz. Quase sempre essa situação se torna grave depois que se aposentam.

As mulheres na sua maioria têm uma percepção diferente dos homens em relação à aposentadoria.

Para Kergoat (2002) apud Pacheco (2004, p.219), no mundo do trabalho convencionou-se a destinar aos homens as atividades da esfera produtiva e às mulheres, aquelas atividades da esfera reprodutiva.

Dessa forma a divisão social do trabalho por sexo, na modernidade acabou por gerar algumas crenças como a de que existe trabalho de homens e trabalho de

mulheres; a de que o trabalho do homem vale mais do que o trabalho da mulher e por último que, mesmo as mulheres assumindo o trabalho produtivo, é natural que continuem assumindo o trabalho doméstico.

Segundo Pacheco (2004 p.220), após a aposentadoria, as mulheres retornam, quase sempre ao trabalho primeiro que a natureza lhes impôs e continuam aptas a desenvolvê-lo como socialmente esperado. Isso possibilita às mulheres manter o sentimento de utilidade por toda a vida dentro do seu espaço doméstico.

Por outro lado, os homens não tendo a supremacia do espaço doméstico, buscam outros espaços em que possam vivenciar seu tempo livre. Os homens não participam desses espaços domésticos e ocupam seu tempo com outras coisas como futebol, jogos de cartas, trabalhando. Na nossa sociedade existe uma cultura estabelecida que distingue atividades de homens das de mulheres.

Quando hoje se trabalha com tanto empenho na valorização do idoso, existe uma grande ausência de homens nos grupos de terceira idade, e isso é lamentável, pois estes só têm a perder. Participando desses grupos eles seriam beneficiados com experiências junto às mulheres levando para seu mundo de homem vivências que os farão mais ricos emocionalmente e menos solitários.

Para alguns homens é como se o encanto pela vida já não existisse mais, é uma falta de coragem de assumir-se como idoso, não se permitindo o prazer de ser feliz e resistindo a assumir seu novo tempo.

Estando em contato com as atividades desenvolvidas nos centros de convivência como viagens, bailes, terão mais alegria. Entretanto, temos a salientar que, quando o idoso se recolhe ao seu lar, a realidade que só ele conhece, é quase sempre uma realidade de solidão e preconceito.

Por isso é necessário que todos trabalhem visando a melhorar as expectativas de felicidade dos idosos, empenhe-se em tornar atraentes e objetivos

os programas específicos para que despertem o interesse de todos estimulando-os para vivenciarem novas experiências com plena segurança.

1.3 Trabalho e aposentadoria

Segundo Pacheco (2004 p.201), discutir o trabalho, a aposentadoria e o envelhecimento humano é antes de tudo uma reflexão sobre a trajetória de vida do homem no seu contexto social.

A aposentadoria é direito de todo àquele que dedicou sua vida inteira ao trabalho e colaborou com o desenvolvimento do país.

Porém quando esses trabalhadores se defrontam com esse sonho, tudo vira um pesadelo: ao invés de ser um momento de novas realizações, ideais, lazer, etc., esses indivíduos se tornam desmotivados ao deparar-se com a verdadeira realidade que o sistema previdenciário lhes oferece, pois o nosso país não se preparou para viver essa realidade na qual só são valorizados os que produzem resultados de um modelo capitalista.

Desde que passou a ser parte da Constituição de 1988, a aposentadoria se tornou um fator de desvalorização do homem, pois o valor de sua aposentadoria não preenche suas necessidades básicas como saúde, alimentação, moradia e até mesmo o lazer. Esse homem pensa que agora é chegado o momento de desfrutar, descansar e aproveitar os últimos anos que lhe resta com uma boa qualidade de vida, mas esse direito, na maior parte das vezes, lhe é negado. Ao invés de se deparar com uma situação de descanso começa uma nova luta.

Quando chegada, a aposentadoria se apresenta para muitos como se representasse o fim, como se depois de aposentados tudo acabasse. Na verdade é o começo de uma nova etapa da vida, em que os idosos devem usar seu tempo e sua experiência para realizar outras atividades.

Dentro das famílias, o idoso não tem sua opinião aceita, pois seus membros acham que eles nunca sabem de nada. Mas, geralmente, ele sabe o que está acontecendo. O que lhe falta é atenção e estímulo, o que nem sempre recebe, uma vez que é sempre deixado de lado.

1.4 Envelhecimento e trabalho na sociedade

Ser idoso deveria significar liberdade para exercer certas responsabilidades rotineiras e a possibilidade de vivenciar novas experiências. Mas, na realidade, não é isso que essa população especial encontra, principalmente em nosso país,.

Foram realizados estudos em busca de dados para diagnosticar as condições do idoso quanto à desvalorização e à discriminação pela sua condição física e não produtiva. Os resultados encontrados demonstram que os idosos sofrem, efetivamente desvalorização e discriminação, quando a sociedade deveria se lembrar de que o velho de hoje foi o jovem de ontem e que o jovem de hoje será o velho de amanhã.

Tudo isso é decorrente do processo de industrialização, que sempre dependeu da exploração de mão-de-obra do trabalhador ativo para o aumento de sua riqueza, não se preocupando com o futuro desse trabalhador, quando de seu envelhecimento. As mudanças provocadas na sociedade pela industrialização conduziram à desvalorização do idoso, que na maioria das vezes é esquecido, o que pode levá-lo a sofrer transtornos psicológicos e emocionais, que poderão causar patologias neurológicas entre outras.

Dentro do modo de produção capitalista a vida ativa do homem, apesar de muitas vezes desgastante, é motivo da sobrevivência do trabalhador e principal interesse do capitalismo. O trabalhador não é visto como ser humano e sim como máquina de produção, que só é importante enquanto proporciona lucro.

Enquanto o modo de produção capitalista só se preocupa com o aumento da riqueza esquecendo-se do futuro desses trabalhadores, a chegada de sua aposentadoria lhes traz várias conseqüências, pois não há uma preparação adequada para o rompimento da sua vida ativa.

Essa falta de preparação da sociedade e do modo de produção capitalista gera no idoso a perda da identidade de ser humano. Ele se sente um peso na família, ficando à margem da sociedade, da qual participou e à qual auxiliou no seu desenvolvimento. Sem participar da vida ativa, produtiva, num mundo cujo valor maior é o trabalho, o idoso se sente um mero objeto descartável, um verdadeiro lixo.

É necessário um trabalho de preparação para a aposentadoria, etapa da vida do idoso que dever ser um momento de alegria, de busca de novos conhecimentos. Esse momento teria que ser muito prazeroso, de lazer, descanso de proveito pelo que já trabalhou. Mas, pelo contrário, torna-se um momento de luto e sacrifício. O idoso acaba se sentindo um objeto sujeito à manipulação, sem rosto, sem identidade. Muitas vezes perde seu direito a voz, à participação na política, nas tomadas de decisões da família, o direito de dividir sua rica experiência com as crianças e jovens. O idoso tem muito a ensinar, a aprender, a contribuir. Reconhecer isso e lhe assegurar um lugar como ser humano só depende de uma maior sensibilização da sociedade, para um tratamento mais respeitoso com os idosos.

Felizmente, vivemos num país democrático onde existe um amplo leque de leis de defesa dos direitos em geral e em especial dos idosos, abrangendo desde a Constituição Federal, passando pela Política Nacional do Idoso (PNI) e principalmente pelo Estatuto do Idoso.

Na luta pelos direitos dos aposentados para exigir o cumprimento da lei o percurso é árduo. As mudanças da Nova Republica ficaram só no discurso, observando-se a dificuldade de implantação de uma política social mais justa. As conquistas não saíram do papel e atualmente ainda permanece como na década de 90.

A luta por direitos dos aposentados e pensionistas a cada dia é uma batalha a ser vencida para efetivar a participação social, econômica e política brasileira. Há falcatruas contra a previdência social, irregularidades e fraudes no sistema previdenciário, demora no levantamento de dados dos aposentados e pensionistas referentes ao salário além da formação de empresas privadas de seguridade social.

O descaso dos parlamentares e do governo quanto ao desfecho das reivindicações do COBAP (Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas) é muito desrespeitoso. Alguns direitos são aprovados, mas não chegam a se efetivar por causa do jogo político dos governantes e seus aliados. Tudo se torna uma verdadeira batalha entre os necessitados e os que estão no poder.

A garantia da manutenção do valor real das aposentadorias é um dos direitos a ser conquistados. O caráter democrático e descentralizado da gestão administrativa, com a participação da comunidade em especial de trabalhadores, empresários e aposentados é outro direito a ser conquistado porque expressam uma ameaça aos privilegiados estando a criar-lhes embaraços e dificuldades na utilização individual dos recursos previdenciários.

Assim os aposentados e pensionistas, amparados legalmente e orientados por suas associações, começaram a acionar a justiça contra a Previdência Social cobrando o pagamento dos reajustes como reza a Constituição de 1988.

1.5 Uma sociedade imediatista

Não deveria ser necessária a elaboração de leis de punição para a família, pois esta deveria ter consciência de que o idoso é um cidadão com direitos e deveres resultantes de uma luta árdua, de uma vida inteira de contribuição para chegar na terceira idade. Isso se torna vergonhoso para um país que se diz democrático, onde na verdade se dá as costas para quem, no momento que mais precisa de nosso amparo e atenção de políticas de proteção, estes lhe são negados.

Algumas conquistas tem sido alcançadas por alguns programas em relação a Políticas Sociais do idoso, mas poucos resultados tem sido efetivados, em geral, por

falta de interesse dos governantes e também de conscientização da sociedade para colocar em prática as conquistas que estão no papel. Afinal o idoso não tem tanto tempo assim para ficar esperando essas práticas e as leis serem concretizadas.

Os idosos aposentados não querem quantidade e sim qualidade nas políticas existentes. Há grande necessidade de articulação, de trabalho em rede, de uma maior diversidade de atendimento, serviços especiais para eles. essa classe tão especial e merecedora desses direitos que são seus por direito, segundo a Política Nacional do Idoso. É importante que se concretizem as determinações da Lei nº 8.842, de 04/01/94 cap. IV art. 10, da Política Nacional do Idoso, "Criar e estimular a manutenção de programas de preparação para a aposentadoria nos setores público e privado com antecedência mínima de dois anos do aposentado". Isso evitaria muitas dessas dificuldades enfrentadas hoje.

O processo das mudanças tecnológicas, trouxe benefícios para a humanidade, mas esse processo fez com que o idoso deixasse de ter lugar em nossa sociedade capitalista, em favos da inclusão dos mais jovens que têm mais acesso a essas novas tecnologias e informações.

A evolução para um mundo moderno iniciada com a revolução industrial, o progresso da ciência e a facilidade de se obter novos conhecimentos, isto é, o homem buscando ou ultrapassando os limites da sabedoria e das realizações pessoais e tecnológicas deveria ser também um caminho para uma sociedade mais justa e fraterna que desse mais credibilidade aos indivíduos sociais respeitando-os como cidadãos de direitos.

Todas essas informações estão interferindo no trabalho e na sociedade, tornando as pessoas alienadas, por que essas informações passadas pelos meios de comunicação não são para complementar nosso conhecimento e sim para nos impor uma regra capitalista a ser seguida. No mundo em que vivemos o que predomina é o trabalho, tirando o individuo da convivência afetiva do lar. O trabalho é que fala mais alto no mundo capitalista, pois é através do trabalho que o homem é valorizado.

Tudo isso vem causando mais miséria na vida de muitas pessoas, ou seja, a riqueza e a pobreza, andam juntas.

Toda essa modernidade e o modo de produção são responsáveis pela maior parte das desigualdades e injustiças sociais, pela corrida por bens materiais, de forma inseqüente e irresponsável provocando destruição tanto na natureza como na sociedade.

Isso se nota mais visivelmente ainda em países desenvolvidos. Estamos vivenciando a globalização, capitalismo flexível, pós-modernidade entre outras mudanças. Foi a pós-modernidade que definiu a cultura do final do século XX. Essa predominância é a fragmentação, as diferenças naturais entre povos, o desrespeito com as diferentes culturas, a ignorância que pode levar ao autoritarismo e ao preconceito.

1.6 A aposentadoria como momento de ruptura

A aposentadoria é umas das invenções modernas, criadas no século XIX, na Alemanha, juntamente com a implantação do conceito de Estado de Bem Estar Social em países industrializados.

Algumas teorias sociais, em meados do século XX, buscaram explicar as relações do indivíduo com a sociedade industrial e a questão da retirada do trabalhador idoso do processo produtivo.

A Primeira Teoria é a teoria do Desengajamento, exposta por Cummig e Henry (1961) apud Pacheco (2004, p.218). Essa teoria postula que o afastamento do idoso do mundo produtivo possibilita à sociedade abrir espaço para os mais jovens, mais ágeis e eficientes, e concede ao idoso maior tempo para a preparação da finalização do seu ciclo de vida.

A Segunda Teoria, a Teoria da Modernização, construída e explicada por Cowgill e Holmes (1972) apud Pacheco (2004, p. 218) busca explicar as relações

das sociedades industrializadas com os seus idosos. Para os autores, nas sociedades modernas industrializadas são reservados aos mais velhos os papéis sociais de baixo *status*.

Os autores destacam quatro aspectos fundamentais que interferem na dinâmica da vida dos idosos nessas sociedades: a tecnologia voltada para a produção que leva à criação de espaços urbanos de produção nos quais os jovens são absorvidos e os mais velhos têm seus conhecimentos desvalorizados; a acelerada urbanização que aumenta a segregação entre gerações, deteriorando os laços familiares e contribuindo para a redução da importância dos mais velhos; a educação intensiva; a educação obrigatória que proporciona aos mais jovens maior escolaridade, aumentando a sua probabilidade de serem mais capacitados e aptos aos lugares de trabalho do que os idosos; a tecnologia de saúde que acrescenta anos à expectativa de vida, gerando uma competição geracional pelo mercado de trabalho, na qual os idosos são empurrados para os cargos de menor renda e prestígio.

Hoje nas sociedades industrializadas a tecnologia e a qualificação no mercado de trabalho dão espaço aos jovens, pois com o crescimento industrial a mão de obra está voltada para os que possuem mais acesso às informações desqualificando cada vez mais o conhecimento do idoso.

Essas teorias esclarecem porque a sociedade vê os velhos como empecilho impedindo-o até de tentar mostrar suas habilidades profissionais.

A ideologia imposta às pessoas pela educação, pelos valores culturais e pela força dos papéis sociais pode parecer determinante, porém não consegue confirmar a capacidade de transformação, mudar o ser humano. Segundo Kosik, (1976) apud Pacheco (2004, p.221) o homem é um ser ontocriativo e traz em si a capacidade de se modificar e de engendrar resistências na busca de formas de se superar, de expressar sua humanidade de resistir à dominação. Essa sua capacidade se faz presente nos momentos decisivos de sua vida, que o introduzem

em um novo mundo, numa nova categoria. A aposentadoria é uma dessas categorias.

Pensando assim, a aposentadoria pode vir a ser um momento de reconstrução, novos investimentos, novas descobertas. Porém o aposentado se vê numa situação em que não pode mais ser consumidor, não dispõe mais de recursos para tal. Por outro lado à conscientização de que ele pode ser um ser criativo e ativo pode mudar muito a sua forma de vida, levando-o a buscar novas oportunidades, novas tentativas e iniciativas de aproveitamento desse tempo precioso. Isso significa reconstruir-se como sujeito, buscar novos projetos de vida, por para fora a sua capacidade criativa, participar na vida política, cultural e social.

1.7 O estigma da velhice e sua influência na vida do idoso

O problema da velhice passou a interessar os meios científicos mundiais, assim que as estatísticas começaram a apresentar um crescente aumento do índice médio de vida entre as pessoas idosas.

Com o advento da geriatria e da gerontologia abriram-se novos horizontes de assistência ao idoso arrancando-o da decadência física e mental e derrubando preconceitos referentes a ele.

Para alguns, a velhice surge como uma desgraça, pela decadência física que acarreta, ou seja, pelas mudanças físicas que acontecem limitando sua capacidade. Daí a importância do surgimento da geriatria e da gerontologia.

Mas, mesmo com o avanço da ciência, os preconceitos ainda perduram,. Os velhos também têm direitos tanto quanto as crianças, adolescentes e adultos, mas muitos fecham os olhos diante desse fato como se ser idoso fosse sinônimo de doença.

A palavra “velho” traz consigo uma conotação pejorativa. Em uma sociedade em que se idolatra a juventude, ser velho ocasiona rejeição, exclusão e

preconceito. Tudo isso acontece porque vivemos em uma sociedade em que tudo se volta para o jovem produtivo e a pessoa que envelhece e deixa de produzir já não tem mais valor para uma sociedade capitalista como a nossa. Isso se verifica também na mídia, em que os meios de comunicação exibem corpos jovens e programas voltados ao público jovem como se o idoso já não representasse mais nada.

Segundo Singer (1992) apud Junqueira (1998, p. 20) a velhice é produzida sócia culturalmente o que, muitas vezes, não coincide com o envelhecimento biológico, porque este pode ser retardado através da melhoria de condições de vida de cada indivíduo.

Através de uma qualidade de vida, algumas pessoas podem envelhecer melhor que outras, principalmente se suas condições econômicas forem favoráveis.

Para o idoso um dos desafios é a atenção à saúde, já que existe a valorização do corpo jovem, pois é a imagem que dá *status*, e ser idoso nada tem a ver com essa imagem jovial.

Canoas (1983) apud Junqueira (1998), nos ensina que os velhos, por serem discriminados, muitas vezes, tentam negar a própria velhice, como forma de afastar a discriminação; esse fato foi reafirmado por Salgado (1992) apud Junqueira (1998) que nos afirma que o idoso, ao deparar-se com um ambiente desfavorável, desenvolve um sentimento de alta rejeição ao próprio envelhecimento o que revela despreparo para enfrentá-lo.

Este comportamento gera desagradáveis conseqüências, pois aproximar o idoso ao jovem, igualando-os, pode levá-lo ao ridículo, o que pode piorar a sua condição psico-social.

O estigma reduz as possibilidades de um indivíduo, fazendo com que suas características próprias não sejam percebidas, sendo evidenciado só o que lhe é atribuído.

Essas representações associadas aos idosos dificultarão a compreensão de sua identidade, já que é uma imagem construída por todos e que acaba por lhe ser imposta. É como se o idoso morresse socialmente na medida em que envelhece.

A negação da velhice se reflete nas oportunidades que lhes podem ser oferecidas e na crença na sua incapacidade para produzir. Com isso o estigma da idade limita as oportunidades de opções e decisão na escolha das atividades que os idosos desejam exercer.

Percebemos que a sociedade estabelece alguns mitos que depreciam o envelhecimento delegando ao idoso um não lugar, um não ser e um não sentir. Exemplificamos com a questão da sexualidade, pois a maioria dos jovens pensam que sexo é uma dádiva apenas deles. Isto é injusto e uma inverdade biológica, pois estamos ignorando que a sexualidade existe na terceira idade. O que pode ocorrer é a diminuição das atividades sexuais, o que não significa o fim do desejo sexual. Percebemos que até os próprios idosos contribuem com esta visão, criando piadinhas do tipo “eu era bom nisso”.

Outro mito, diz respeito à capacidade cognitiva do idoso, em que perpassa a idéia que quando se envelhece a inteligência diminui e não se aprende mais. Mas isso não é verdade: os idosos, quando estimulados aprendem e conquistam qualquer coisa até o que para eles parecia impossível, como é o caso do uso do computador.

Estudos realizados no Brasil, junto a idosos, revelam sempre altos índices de rejeição da velhice, tendo como causa principal o desprestígio que eles tem em nosso contexto sócio cultural.

Podemos dizer que a expressão “terceira idade”, encontrou acolhida em toda parte, mas há necessidade de tomar cuidado para que não seja atribuído à mesma o significado de categoria específica e tratar os que a ela pertencem como tal e não como indivíduos.

A respeito das perdas e preconceitos, Garcia Pintos (1993) apud Junqueira (1998, p. 28) nos explica que, como ocorre habitualmente com coisas que desconhecemos e não procuramos conhecer, os vazios de informações acerca do envelhecimento transformam-nos em mitos, inventos, fantasias e suposições, os quais acabamos aceitando como verdades comprovadas.

Podemos observar, diante desse contexto, que a velhice em si não cria enfermidades, isto é, não é sinônimo de doença. Segundo Néri (1993) apud Junqueira (1998, P. 82): essa fase da vida é acompanhada por modificações psicológicas, orgânicas e psico-emocionais próprias desse período. Entretanto, existem os ganhos da velhice que não são divulgados, pois os estudos sobre o envelhecimento são recentes e a própria gerontologia é jovem enquanto ciência e temos poucos profissionais formalmente educados para proporcionar atendimento às necessidades dos idosos

Portanto viver uma velhice plena, excede os limites da responsabilidade individual por depender das pessoas com as quais o indivíduo convive, da sociedade em geral e também das estruturas político econômicas do país.

A atenção ao idoso só passou a ocorrer recentemente, pelo aumento da população idosa que trouxe drásticas conseqüências para a economia de um país despreparado para o envelhecimento populacional e que se vê obrigado a dar respostas imediatas a essa população.

Podemos dizer que a negação da velhice parece ser compartilhada por todos, pois não foi produzida exclusivamente pelo idoso, mas sim por um país que ainda é preconceituoso e excludente.

Para concluir, Linton (1981) apud Junqueira (1998, p. 29), diz que o indivíduo que se alegra com a idéia de envelhecer é uma exceção em qualquer sociedade e, mesmo considerando os casos em que a velhice traz consigo respeito e certa dose de influência, ela representa a renúncia a muitas coisas consideradas socialmente agradáveis.

Considerando que o segmento etário acima de sessenta anos é o que está em maior expansão no mundo e no Brasil, e necessário implementar mudanças significativas nas políticas para o idoso, tendo como discussão central à ampliação das políticas sociais, que são entendidas como direitos de cidadania aos idosos visando a melhoria na sua qualidade de vida, com o objetivo de possibilitar a sua inclusão social.

A Política Nacional do Idoso (PNI -Lei 8.842/94), tem como objetivo assegurar os direitos sociais ao idoso criando condições para promover a sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Esses direitos devem ser concretizados a partir de políticas sociais na área da saúde, da promoção e da assistência social, da educação, do trabalho e da previdência social, da habitação, da justiça, da cultura, esporte e lazer. É o que nos propomos discutir a seguir.

2.0 IDOSO DIANTE DA FAMÍLIA, DA SOCIEDADE E DO ESTADO

2.1 O IDOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O envelhecimento populacional do Brasil está sendo considerado o mais rápido do mundo.

Segundo a OMS o Brasil deverá ser o 6º país do mundo em contingente de idosos até o ano de 2025. Estudos mostram que a população brasileira terá crescido cinco vezes de 1950 a 2025, sendo que a população de idosos terá crescido dezesseis vezes. Podemos notar que diante desses dados, o Brasil já não é mais um país de jovens, pois o número destes está sendo ultrapassado pelo número de idosos que aumenta a cada ano.

Todo esse processo de envelhecimento populacional ocorreu devido: ao declínio da fecundidade em todas as regiões do Brasil, como resposta das famílias a crise econômica e ao processo de urbanização da sociedade e devido às descobertas científicas e tecnológicas na área da medicina e informática que proporcionaram agilidade no mundo da produção e reprodução da vida social. Por isso, diante dessas e outras questões que envolvem o envelhecimento humano, profissionais da área de saúde passaram a se preocupar com formas de atender a esta demanda crescente dos idosos.

Pode-se dizer que a longevidade da população deve-se a fatores como a melhoria na qualidade de vida tanto em nível social, político, econômico e cultural.

Segundo Kaufman (1982) muito tem melhorado a qualidade de vida das pessoas de idade nos últimos cinquenta anos. Além do progresso da medicina preventiva, houve o advento do rádio e televisão melhorando visivelmente a difusão da informação. A era da eletrônica mudou a vida social em todo o mundo, mudando a vida das pessoas carentes, entre as quais os idosos.

Para Goldman (2004) o aumento da expectativa de vida traz em seu bojo uma contradição. Por um lado o progresso que alcançamos, as conquistas médicas sanitárias e a melhoria dos serviços de infra-estrutura básica, aumentou o número de pesquisas na área de gerontologia e geriatria entre outros. Por outro lado à população ao alcançar idade mais elevada encontra dificuldades em se adaptar às atuais condições de vida.

O aumento do número de idosos no Brasil, começa a dar lugar a uma realidade diferente e traz a consciência de que a velhice existe e é uma questão social que pede uma atenção muito grande do governo, família, sociedade e comunidade.

Durante muitos anos a velhice configurou-se como uma preocupação apenas da família ou de associações cuidadoras de idosos. Hoje, mesmo a família sendo ainda o maior apoio à pessoa idosa e de grande importância para sua inclusão no meio social, a questão do idoso atinge a todos, trazendo mudanças nos perfis sociais, econômicos e político da sociedade e da família.

Para diminuir o impacto causado pelo envelhecimento da população, é necessário que o Estado e a sociedade ofereçam uma cobertura adequada às suas necessidades e direitos a fim de garantir a essa população uma vida digna e uma melhor qualidade de vida. É dever da sociedade possibilitar autonomia e cidadania ao idoso, buscando seu desenvolvimento integral e ajudando-o a resgatar o seu papel de sujeito que sabe expressar e vivenciar as transformações ao seu redor.

Nesse contexto observamos que esta população que até então consistia em uma minoria passou a ser alvo de preocupação e atenção por parte dos governos de vários países e em especial o governo brasileiro.

O país não estava preparado para o crescimento do número de idosos em tão curto espaço de tempo, o que trouxe uma desestruturação social que exige atenção especial do governo, da sociedade e das famílias.

Esse crescimento do número de idosos tem um custo social elevado e é preciso que se elabore uma política social mais ampla, com o objetivo de integrá-los ao seu meio. É preciso que a sociedade brasileira construa alternativas para essa nova demanda, agindo rápido na busca e implantação de soluções imediatas, para que a situação não se agrave mais.

Podemos observar a situação dos aposentados que aflige a sociedade brasileira; uma vez que a população economicamente ativa, não consegue manter os custos dos aposentados por estes viverem mais tempo nessa condição.

A política social de atenção à velhice tem o dever de promover ações que resgatem o nível de renda do idoso, com o aumento da remuneração dos que estão aposentados, no sentido de oferecer uma forma digna de vida aos idosos.

O processo de envelhecimento traz um vazio para o idoso tanto no nível econômico, como no social e afetivo. Isso se dá em consequência da própria sociedade brasileira e demais sociedades capitalistas que tem uma ideologia de valorização do indivíduo produtivo e de menosprezo do indivíduo que não mais produz. Essa ideologia voltada para o capital, faz com que o indivíduo que envelhece sofra consequências como depressão e preconceito além de dificultar sua integração na sociedade.

Notamos em nossa sociedade uma produção voltada para o jovem sendo que a velhice é vista como uma etapa marginal da vida. Seus valores são desprezados em nome do progresso econômico. O modelo vigente propõe, como ator social predominante, o jovem forte e produtivo, sendo o idoso desvalorizado socialmente.

Goldman (2004) diz que a conjuntura atual pautada pelo neoliberalismo, pelas transformações tecnológicas e no mundo do trabalho, causa impactos na sociedade e em todas as gerações. O segmento idoso é o que mais sofre as consequências dessas transformações. Isso quer dizer que em uma sociedade como a nossa, capitalista, os idosos são marginalizados por não produzirem mais. A única

fonte de renda para a maioria dos idosos é a aposentadoria e eles são, muitas vezes, provedores de seus lares.

Esses padrões que a sociedade impõe fazem com que o idoso perca seu *status* dentro da própria sociedade; o próprio país contribui com o estereótipo da velhice, que, segundo Souza (1992) apud Junqueira (1998), exclui prematuramente do mercado de trabalho, as pessoas de quarenta anos, uma vez que o excesso de oferta de mão de obra gera uma força de trabalho excedente. Os jovens são preferidos, pois significam menor custo e maior lucro em comparação com uma pessoa mais velha.

Todas essas transformações sociais trazem conseqüências para o idoso em seus relacionamentos, provocando uma crise de identidade. A perda de seu papel social, da auto estima, a mudança de papéis na família e a adaptação a novos papéis, a aposentadoria, a perda de parentes e amigos, a perda da autonomia, da independência e a diminuição dos contatos sociais trazem para a vida do idoso:

- conseqüências psicológicas;
- dificuldade de se adaptar aos novos papéis;
- alterações psíquicas que exigem tratamento;
- baixa auto estima e auto imagem;
- suicídios, depressões, paranóias.

Podemos mudar essa visão negativa do idoso que para a sociedade e a família não passa de um obstáculo em suas vidas. Para que tal aconteça temos que incluí-los em nosso meio social, não destruindo seus valores e sim os estimulando para essa nova etapa da vida.

Não podemos deixar que a velhice sofra esses preconceitos, pois em épocas menos agitadas, era natural que os idosos fossem tratados com respeito e estivessem em posição de superioridade frente aos jovens, graças à sua capacidade

e à rica experiência acumulada. Com a industrialização e a dissolução dos valores, os velhos se tornaram supérfluos e se converteram num fardo para a família e a sociedade.

Podemos concluir que a problemática da velhice não está localizada apenas nas perdas de se tornar velho, mas nas repercussões destas perdas sobre a sua identidade pessoal e sua representação na sociedade. Chamar alguém de velho na atual sociedade constitui uma ofensa o que nos revela a negação da própria velhice.

Segundo Junqueira (1998) não é negando a condição de idoso que o indivíduo pode superar a exclusão. Nem se inserindo em atividades que, muitas vezes, parecem atrair a atenção dos referidos sujeitos na tentativa de exclusão da exclusão, tendo em vista que a velhice negada pelo sujeito é, antes de tudo, um indicativo de seu sofrimento frente à desvalorização social.

Para uma transformação dessa situação, é necessário buscar-se uma nova significação para a velhice desconstruindo o modelo tradicional vigente. Cabe ao governo, à sociedade e à família oferecer uma forma digna de vida ao idoso e aqueles que vão envelhecer.

2.2 O idoso e as políticas públicas sociais no Brasil

Na sociedade brasileira o processo de envelhecimento populacional vem ocorrendo bruscamente e coincide com um quadro de crise no Estado, com o agravamento dos problemas econômicos e das desigualdades sociais. Dentro da área social, os últimos governos investiram na descentralização de serviços, como meio de enfrentar a pobreza e a desigualdade social, e na busca por uma política social direcionada aos mais velhos que seja efetiva e que ofereça proteção, assistência e uma previdência social adequada.

O trabalho social desenvolvido junto ao idoso começou muito recentemente, com o Sesc na década de 60, que tinha como objetivo oferecer espaços de convivência para minimizar a solidão e o isolamento social crescente entre os idosos.

Somente em 1976 com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social é que se começou a pensar em uma política voltada para esse grupo etário, passando-se a investigar melhor a situação da velhice no Brasil, até então considerado um país de jovens. Dentro desse contexto havia uma situação de preconceito, marginalização, isolamento social e pobreza do idoso brasileiro.

Surgiram então os primeiros movimentos sociais, com o objetivo de mostrar à sociedade a situação do idoso, quando os principais membros dos grupos de idosos buscaram parcerias junto a instituições como o Sesi, o Sesc, o Ministério da Previdência e Assistência social, para fazer pressão no sentido de fazer valer os seus direitos.

A primeira Assembléia Nacional de Idosos foi realizada em 1982 e essa manifestação precedeu à Constituição Nacional de 1988, culminando com a inclusão de alguns parágrafos dentro da Constituição dedicados a conquistas de direitos e melhoria da qualidade de vida dos mais velhos.

Foi então criado o Primeiro Conselho do Idoso e também a Associação Nacional de Gerontologia que atuam até hoje. Dessa associação surgiu o esboço da Lei 8.842/94, contendo uma Política Nacional do Idoso que ainda precisa ser colocada em prática juntamente com mais decisão política e investimento nessa área para realmente melhorar a qualidade de vida do idoso.

A questão social do envelhecimento, no Brasil, apresenta contradições regionais e desigualdades sociais que refletem a injusta distribuição de renda da população dificultando aos brasileiros a vivência real da cidadania. Segundo Borges (2003), essa luta começa na infância, continua na adolescência, juventude e idade adulta e se faz por direitos básicos como saúde, educação, emprego. Enfim, trata-se da luta pela obtenção da dignidade do ser humano.

Podemos dizer que o Brasil é um país de grandes complexidades, de imensas riquezas e profundas desigualdades sociais apresentando uma sociedade dualista. A velhice tem sido visualizada de forma discriminada e comparativa. Para Barroco (1989, p.47), existem várias formas de velhice:

- a do branco e a do preto;
- a do intelectual e do analfabeto;
- a sadia e a doentia;
- a ajustada e a desajeitada;
- a do homem e a da mulher.

Atualmente a Previdência Social vive uma situação de colapso, devido ao déficit público, ao desemprego e ao envelhecimento da população. À Previdência Social cabe a proteção social à velhice no caso de acidentes de trabalho e invalidez, sendo a aposentadoria o principal benefício previdenciário. Trata-se de uma renda destinada aos que já alcançaram aposentadoria seja por idade ou por tempo de serviço, essencialmente relacionada com a velhice. Quanto à área da saúde, que é uma área de grande importância para o idoso, ela precisa ser mais desenvolvida como medidas de prevenção e programas que vão além de internações e com atendimento familiar e incentivando a família a cuidar de seus idosos.

A regulamentação da Lei 8.842/94, de 3 de julho de 1996, traz propostas para viabilizar avanços que possam qualificar a vida da população idosa garantindo atendimento às suas necessidades, dando ênfase ao atendimento não asilar ao idoso (art. 4.º) e melhorando o atendimento asilar aos que não possuem vínculos familiares.

Na atuação da política direcionada ao idoso, precisam estar presentes a articulação de sua intervenção junto a outros segmentos sociais, para que o idoso possa buscar alternativas para viver melhor, criando espaços para a participação

social dos idosos em suas comunidades, a luta por direitos de cidadania e contra a exclusão social e que o poder público e a sociedade civil encontrem formas de melhorar a condição do idoso brasileiro por uma questão de direito e de justiça.

2.3 Políticas setoriais e serviços oferecidos:

É de competência dos órgãos e entidades públicos, atender as necessidades e direitos dos idosos através de projetos e programas, que são assegurados pela Política Nacional do Idoso na área de promoção e assistência social conforme se explicita a seguir:

- prestar serviços e desenvolver ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas da área de promoção e assistência social dos idosos, mediante a participação das famílias, da sociedade e entidades governamentais e não governamentais;
- estimular a criação de incentivos e de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência, centros de cuidados diurnos, casas-lar, oficinas abrigadas de trabalho, atendimento domiciliar e outros;
- promover simpósios, seminários e encontros específicos;
- planejar, coordenar, supervisionar e financiar estudos, levantamentos, pesquisas e publicações sobre a situação social do idoso;
- promover a capacitação de recursos para atendimento do idoso.

No nosso município a Prefeitura Municipal de Presidente Prudente através da Secretaria de Assistência Social e de seu Departamento de Ação Comunitária executa o Projeto Cuidadores de Idosos em Domicílio que oferece os seguintes serviços:

- Núcleo de atendimento residencial em sistema de internato, destinado a pessoas sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência;
- Núcleo de atendimento em meio aberto, centros de convivência, estimulando a inter-relação e o convívio;
- Atendimento domiciliar, serviço diurno prestado no domicílio por profissionais e agentes devidamente treinados;
- Capacitação de cuidadores de idosos, formação de agentes comunitários, familiares e funcionários de entidades.

A ação da Secretaria se desenvolve através de suas 23 divisões regionais, sendo uma na capital do Estado, mediante parcerias de cooperação técnica e financeira. Essas ações são:

-Na área da saúde deve ser garantido ao idoso:

- assistência à saúde, nos diversos níveis de atendimento do Sistema Único de Saúde;
- prevenir, promover, proteger e recuperar a saúde do idoso, mediante programas e medidas profiláticas;
- adotar e aplicar normas de funcionamento às instituições geriátricas e similares, com fiscalização pelos gestores do Sistema Único de Saúde;
- elaborar normas de serviços geriátricos hospitalares;
- desenvolver formas de cooperação entre as Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e entre os Centros de Referência em Geriatria e Gerontologia para treinamentos de equipes interprofissionais;

- incluir a geriatria como especialidade clinica, para efetivação de concursos públicos, federais, estaduais, do Distrito Federal e Municipais;
- realizar estudos para destacar o caráter epidemiológico de determinadas doenças do idoso, com vistas à prevenção, tratamento e reabilitação;
- criar serviços alternativos de saúde para o idoso.

O município deve garantir segundo o Estatuto do Idoso um atendimento diferenciado a saúde do idoso, com base na Política de Saúde do Idoso onde vamos encontrar os direitos que os idosos tem nesta área da saúde.

-Na área da educação cabe aos órgãos públicos e municipais:

- adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso.
- inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;
- incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplina curricular nos cursos superiores;
- desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;
- desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições dos idosos;
- apoiar a criação de universidade aberta à terceira idade, como meio de universalização o acesso as diferentes formas do saber.

A educação é efetivada através do ensino fundamental que é de direito de todos até daqueles que não tiveram acesso na idade devida. O direito à educação é um dever do estado oferecer de forma obrigatória e gratuita para todos, independente da idade, já que não existe nenhuma política de educação municipal diferenciada para o idoso.

O município de Presidente Prudente oferece:

- A UNESP (Universidade Estadual Paulista) oferece à terceira idade, um projeto composto por palestras semanais e cursos específicos nas áreas de inglês, computação e artes entre outros. Esses cursos estão abertos para ambos os sexos, não exigem grau de escolaridade. Entretanto, eles são freqüentados basicamente por mulheres tendo uma participação mínima de homens.
- As Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente oferecem o programa “Toledo Aberta a Melhor Idade”. Trata-se de uma proposta de educação permanente dirigida para ambos os sexos, a pessoas com mais de 45 anos, interessadas em atingir melhoria nos níveis de saúde física, mental e social e fundamentalmente atualizar os seus conhecimentos. Para participar basta ter cursado a 4^o série do Ensino Fundamental e fazer a sua inscrição.
- As Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente também desenvolvem um projeto de extensão à comunidade, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, voltado ao atendimento de conflitos intergeracionais familiares, atendendo numa fase inicial quatro comunidades.
- A única proposta direcionada à alfabetização da Terceira Idade no município é de iniciativa privada da Organização Social Athia em

parceria com a Secretaria Municipal de Educação que fornece os professores, mas foi desativada em 2004.

-Na área de Trabalho e Previdência Social cabe ao Estado:

- garantir mecanismo que impeça a discriminação do idoso quanto à sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado;
- priorizar o atendimento dos idosos nos benefícios previdenciários;
- criar e estimular a manutenção de programas de preparação à aposentadoria, nos setores público e privado, com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento.

Junto aos órgãos competentes nesta área, inexistem programas que atendam este dispositivo da lei n: 8.842/94 no Município de Presidente Prudente.

-Na área da habitação e urbanismo é dever dos órgãos públicos no âmbito Estadual e Municipal:

- destinar, nos programas habitacionais, unidades em regime de comodato ao idoso na modalidade de casa-lar;
- incluir nos programas de assistência ao idoso, formas de melhoria de condições de habitabilidade e adaptação de moradias, considerando seu estado físico e sua independência de locomoção;
- elaborar critérios que garantam o acesso da pessoa idosa à habitação popular;
- diminuir barreiras arquitetônicas e urbanas.

Nesta área de habitação o município não possui, implementado, nenhum programa direcionado ao idoso. Já na área de urbanismo, existe uma lei federal de acessibilidade que exige que todos os estabelecimentos tenham rampas de acesso fácil, assim como banheiros adaptados para idosos e deficientes.

-Na área da justiça o poder público deverá :

- promover e defender o direito da pessoa idosa;
- zelar pela aplicação das normas sobre o idoso determinando ações para evitar abusos e lesões a seus direitos.

O município de Presidente Prudente não oferece nenhum programa ou projeto específico para o atendimento do idoso nesta área.

Através de fóruns organizados no município pelo Conselho Municipal do Idoso, junto à sociedade civil e o Poder Público, no ano de 1998 foi criada a Delegacia do Idoso, sendo desativada no ano seguinte por decisão da Secretaria Estadual de Segurança Pública, por falta de adesão. No município de Presidente Prudente, existe a Promotoria de Justiça com a responsável Dra. Elaine de Assis.

-Na área da cultura, esporte e lazer o município deve:

- garantir ao idoso a participação no processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais;
- propiciar ao idoso o acesso aos locais e eventos culturais, mediante preços reduzidos, em âmbito nacional;
- incentivar os movimentos de idosos e desenvolver atividades culturais;
- valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades dos idosos aos mais jovens como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural;
- incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem melhoria na qualidade de vida do idoso e que estimulem sua participação na comunidade.

O município oferece aos idosos programas e projetos nesta área para atender suas necessidades e direitos como:

- A Noite da Serenata, de natureza pública e que se realiza uma vez por semana, sempre aos domingos, da qual todos podem participar principalmente os idosos. Oferecimento da Prefeitura Municipal e da Secretaria da Cultura.

A Prefeitura Municipal e Secretaria de Esportes e Turismo oferecem:

- Hidroginástica e natação, realizadas duas vezes por semana para idosos acima de 50 anos;
- “Caminhada Melhor Idade”, uma vez por ano, um evento mobilizador e aberto a toda a população;
- Semana do Idoso, uma vez por ano, em setembro, com atividades de balé, exposições, gincanas. Trata-se de uma semana de atividades comemorativas e reivindicativas.

A Secretaria de Esportes desenvolve:

- Olimpíadas da Melhor Idade, realizadas uma vez por ano, com competições esportivas entre centros de convivência locais e para pessoas com mais de 60 anos.

Realizados em conjunto pela Prefeitura Municipal, Fundo Social de Solidariedade Municipal e Secretaria Municipal de Esporte:

- Jogos Regionais dos Idosos -JOREI
- Jogos Estaduais dos Idosos -JEI.

Para participar é necessário ter mais de 65 anos

- Miss Terceira Idade, com parceria da comunidade, para idosos com mais de 45 anos;

- Núcleos de Convivência da Terceira Idade: para participar é necessário ter mais de 45 anos. São realizadas reuniões semanais em que se realizam trabalhos voluntários.

O SESI oferece:

- Grupo Esperança do Sesi, de natureza pública. Para participar é necessário ter mais de 55 anos. São realizadas reuniões as segundas, quartas e sextas feiras. Esse programa oferece: cultura, teatro, coral, feiras, jogos da terceira idade, natação, ginástica, vôlei, dança, jogos de salão, bailes, desfiles cívicos, atividades em creches e escolas, discussão de textos e participação em palestras.

No SEST SENAT é oferecido:

- hidroginástica e natação com 50% de desconto para idosos com mais de 60 anos e
- hidroterapia gratuita.

Segundo a Presidente do Conselho Municipal do Idoso do nosso município a nova proposta de Política Municipal do Idoso foi enviada à Câmara Municipal em 2003, não tendo até hoje nenhuma resposta. Portanto, ainda não temos uma Política Municipal do Idoso regulamentada, o que dificulta um melhor atendimento aos direitos e necessidades do mesmo, através de novos projetos e programas.

Embora exista uma boa divulgação do Estatuto do Idoso, e com isso proporcione uma maior informação sobre seus direitos, nem sempre esses direitos estabelecidos no Estatuto do Idoso são respeitados e colocados em prática pelo município, órgãos públicos e sociedade civil.

2.4 Relação família-idoso

As famílias que hoje residem nos grandes centros urbanos, são bem diferentes das famílias tradicionais. Nas famílias modernas o grande problema é a falta de tempo pois todos trabalham ou estudam e praticamente só vão para casa à noite, para dormir e comer o que os impede de se dedicarem aos idosos que residem nessas famílias.

Os idosos foram criados com costumes diferentes, dificultando-lhes a adaptação aos hábitos modernos de hoje em dia. Na verdade a população idosa é proveniente de uma época com valores culturais marcados, em que a convivência com avós fazia parte do cotidiano, fazendo com que esses valores permaneçam de maneira nítida no consciente da grande maioria deles.

O membro idoso na família, tem muito a contribuir com os demais membros familiares, pois tem uma maior história a oferecer. Mas nem sempre os mais jovens das famílias dão aos seus idosos a atenção que desejariam o que os leva a isolar-se dificultando a relação entre eles.

A velhice traz consigo uma diminuição da capacidade de se adaptar às variações sociais, como sair de casa para um simples passeio, aceitar a viuvez ou problemas financeiros, sendo que nem sempre a família dá aos idosos apoio e condições para que eles continuem como membros ativos de suas famílias.

Como em outras etapas da vida, a família pode proporcionar um meio favorável para manter a identidade pessoal do idoso, e é preciso que os membros da família reconheçam a importância do avô ou bisavô como um meio de fortalecer-lhes a auto-estima.

O ciclo de vida do idoso apresenta algumas características que marcam a transição das relações familiares como a independência dos filhos, as doenças associadas à velhice e a aposentadoria. Essa transição ocorre no momento em que papéis e responsabilidades começam a se transferir entre as gerações, sobretudo na aceitação de novos papéis tanto para o idoso como para os demais membros da

família, modificando-se também a relação de dependência entre esses membros. O idoso agora passa a ter como sua família, seus filhos, netos e bisnetos e ele que já teve os filhos sob seu cuidado é agora quem se torna mais dependente.

A família, e o próprio idoso muitas vezes, têm dificuldades para entender essas mudanças e lidar com elas. Dentro desse processo a interação familiar e o reconhecimento do valor dos mais velhos são vitais para eles pois foi através deles que o grupo familiar se formou.

Para haver uma boa relação entre a família e o idoso é fundamental a manutenção de algumas atitudes tais como:

- muita paciência para lidar com problemas relacionados à saúde na velhice como: audição e locomoção;
- buscar sempre uma perfeita comunicação com o idoso, pois este é um grande problema das famílias e da sociedade;
- procurar entender a forma como o idoso se sente e a sua maneira de pensar e de agir diante das novas tendências da vida moderna.

Alguns problemas podem surgir relacionados a essa idade: a depressão, a hipocondria, distúrbios do sono e a paranóia. O carinho da família e a atenção são indispensáveis para enfrentar esses problemas.

A família pode ser considerada o habitat natural da pessoa humana. E é nela que efetivamente “somos” nós mesmos, sem máscaras sociais, com nossos defeitos e nossas qualidades. A família é realmente o ambiente “ecológico” do ser humano. Segundo Leme e Silva, (2000) nos extremos da vida, na infância, ou na senectude, é que se encontram as maiores limitações sociais do indivíduo e é nestes momentos que ele passa a depender, de maneira vital, da sociedade que o assiste. Como base e raiz da estrutura social e a família, pode-se inferir que o estudo do relacionamento do idoso com a família é de primordial importância no estudo das peculiaridades da vida e da saúde nesta fase da vida.

O papel da família tem grande significado em qualquer etapa da vida, sendo de extrema relevância durante duas fases polares da vida: período educativo, durante a infância e a adolescência, e no outro pólo, na senectude. A consideração do indivíduo como pessoa é a única forma de desenvolvimento e de manter o equilíbrio afetivo e físico do ser humano: dando prioridades aos seus valores e à sua capacidade de forma geral.

Na família nenhum de nós é chefe ou subordinado, professor ou aluno. É importante que os membros da família do idoso tenham a real compreensão de seu papel na relação com o idoso. Como no meio rural a convivência com os avós, tios e primos era fator de honra em relação aos cuidados com os idosos doentes essa visão de valorização afetiva permaneceu e permanece de forma bem clara na mente dos idosos que ainda hoje esperam por um tratamento semelhante ao que era dispensado aos seus avós.

2.5 A família como formadora de estruturas sociais

É na família que se formam as bases de nossa identidade e afetividade. Há algumas décadas que certas pesquisas têm a previsão do desaparecimento da família como uma base sólida da sociedade futurista.

Atualmente nas sociedades modernas avançadas surge grande número de instituições, privadas e governamentais, que possivelmente vem substituindo a família nestas funções “históricas”. O desenvolvimento da tecnologia e a possibilidade de acesso ao controle artificial da reprodução humana puseram fim a última função da família: de reprodução humana, o que, provavelmente, nas sociedades do futuro será um anacronismo residual.

A atual realidade é consequência da forma da “gestação” prolongada pela célula básica que é a família. A própria sociedade estruturou-se de tal maneira que desde o estágio primário do desenvolvimento da criança esta fica, sob responsabilidade das instituições privadas e governamentais.

O membro idoso da família tem muito a contribuir com os demais membros da comunidade familiar, pois tem uma história pessoal a oferecer, representando assim a estrutura familiar em si como grupo social.

Sua idade representa uma condição essencial para a contribuição que pode dar e passa a ser valorizado na condição de ser idoso. Por outro lado esse sentir-se útil deve contribuir para o equilíbrio psíquico do idoso.

O idoso é frágil, exige cuidados, possui seus costumes, seus valores e manias que são dignos de respeito, começando pelos jovens. Nesse contexto, o idoso pode ser o motivador desse olhar para fora de si mesmo, essencial para o equilíbrio e a felicidade. Nem só a felicidade está dependente da convivência intergeracional, como toda a perspectiva do desenvolvimento cultural de uma determinada época passa por essa convivência.

Quanto à saúde dos idosos temos uma multiplicidade de sintomas e sinais, todo um quadro de patologias com um diagnóstico correto de algumas síndromes geriátricas que na maioria das vezes são relacionadas às condições de vida e moradia do idoso. Exemplo: quando ocorrem quedas repetidas, dever-se-á levar em conta mudanças arquitetônicas na residência e reforçar o apoio familiar. A família do idoso deve se orientar quanto ao ambiente físico como a retirada de obstáculos ou marcação de escadas, fazendo com que o idoso tenha uma melhor condição de vida com mais saúde.

O conhecimento das condições de apoio familiar, ambiente físico e psíquico da vida do paciente é para o gerontólogo não um passatempo, mas indispensável à sua atividade diária e programação terapêutica. Segundo Leme e Silva (2000) em muitos países do primeiro mundo a geriatria e a medicina familiar caminham juntas, ou seja, é freqüente encontrarmos departamentos de medicina da família dentro das sociedades de geriatria.

O contato com o idoso doente só será efetivado se levarmos em conta os aspectos da família e sua estrutura de inter-relacionamento, se levarmos em

consideração o potencial e a capacidade da família em atuar de forma objetiva nessa estruturação de atenção a saúde¹ do idoso.

É claramente óbvia a diferença entre saúde e a doença no idoso. Pois os limites funcionais em múltiplos órgãos podem levá-lo a diferenças orgânicas percebíveis em condições de stress. Se levarmos em conta esta percepção podemos considerar o idoso como portador de limites orgânicos e biológicos, inerentes à sua condição de idoso.

A mudança do perfil social da família veio descaracterizar algumas das possibilidades terapêuticas existentes anteriormente. Como a família se modificou, sendo hoje a nuclear o modelo predominante composta de mãe, pai e filhos, muitas vezes não tem condições de abrigar seus idosos.

Diante desta realidade devem os profissionais especialistas tentar manter, mesmo dentro da instituição, um ambiente familiar que permita ao paciente idoso preservar seu autoconhecimento. Poderá ser conveniente que o idoso tenha a vista seus objetos pessoais dando ao ambiente um toque familiar e acolhedor para assim reduzir a sua rejeição.

Outro fator de grande relevância nas instituições é a liberdade, o livre acesso da família. Essa conduta estimulará o apoio da mesma ao paciente com a qualificação ou treinamento de cuidadores informais.

É interessante ao gerontólogo considerar medidas intermediárias, como centros de convivência, centros-dias, hospitais-dias que permitiriam manter o idoso em contato com a família.

Os cuidadores informais sendo eles os cônjuges, filhos e filhas, noras e genros, sobrinhos, netos e amigos entre outros, devem ser os cuidadores indispensáveis, tendo como sua maior arma sua disponibilidade e o apoio das

¹ Conceito de saúde segundo a Organização Mundial de Saúde, órgão da ONU: “é o estado de bem-estar físico, psíquico e social”.

políticas públicas. São os familiares que acompanham o idoso desde a medicação até ir ao médico.

Os conceitos terapêuticos de geriatria e gerontologia priorizam uma abordagem profissional desses cuidadores através de cursos de treinamento e informações, o que dá uma diferença imensa no tratamento da saúde e do bem estar do idoso.

Entre as principais características psicológicas do envelhecimento existe a probabilidade da depressão sendo a mesma desencadeada pelas perdas funcionais e sociais. A aposentadoria na maioria das vezes tem sido um fator desencadeador desta crise que pode vir a se agravar principalmente numa situação familiar conflituosa em que a família não esteja apta para tal convivência, erro comum em nossos dias, principalmente, quando a pessoa não está preparada para viver fora do mercado de trabalho.

Segundo Papaleo (2000) já era de grande relevância o estudo da família na investigação da gerontologia. No estudo do envelhecimento e de suas causas e conseqüências passa ser fundamental o estudo da família para um melhor conhecimento do idoso. Dentro desse contexto existem obstáculos para uma formação acadêmica: há poucas instituições de ensino que se dedicam ao estudo e à pesquisa da família. Entretanto, a família como órgão de apoio e saúde é primordial. A não participação da família faz com que o idoso tenha maior disposição a morbidades significativas, sejam físicas, psíquicas ou sociais. Uma variedade de complicações afetivas no grupo familiar poderá ter como conseqüência um comportamento agressivo do idoso.

2.6 Aspectos Biopsicossociais do envelhecimento

A convivência social é muito importante em qualquer idade. Estando rodeados de pessoas desenvolveremos papéis diferentes, ou seja, seremos, filhas, mães, vovós, professoras, amigas, vizinhas, mas sempre sendo a mesma pessoa.

Isso faz com que sintamos pertencer a algo, a alguém, ter importância. Há uma troca permanente de afeto, de carinho, de idéias, de sentimentos, de conhecimentos, de dúvidas.

Além desse aspecto Guite, (2000 p.34) aponta mais dois fatos importantes para a manutenção da convivência social: a estimulação do pensar, do fazer, do dar, do trocar, do reformular e principalmente do aprender. Outro fator importante é o da atualização, da discussão, da busca de maiores conteúdos.

Segundo Guite (2000), é comum o velho rolar de casa em casa vivendo nas casas dos filhos, a cada momento com um filho, o que interfere no equilíbrio emocional do idoso, pois não cria raízes, tendo que se acostumar a cada hora com um determinado estilo de vida.

Outro abuso são as interdições dos idosos. As famílias acabam recorrendo a essa solução, pois alegam ser o melhor para eles, porque não precisarão ir ao banco receber, e não terão nenhuma preocupação com seus bens.

Em todas as fases da vida a família tem importância fundamental para as pessoas. Em cada fase essa importância vai se ampliando, ou seja, para um bebê, é o pai e a mãe, para o adolescente, acrescentam-se irmãos, tios, avós, etc, e assim por diante. Conforme envelhecemos vemos a família se alterando, e os papéis de cada um se modificando, e acaba sendo muito difícil para o idoso aceitar a mudança, de que acaba muitas vezes dependendo dos filhos que um dia dependeram dele. Em muitos casos apesar de manter a família com sua aposentadoria o idoso depende de seus filhos, netos para se locomover, tomar remédios, entre outros.

A família tem que entender as dificuldades enfrentadas pelas mudanças de papéis, para ter interações familiares, que são vitais para o bem-estar do idoso ser aceito e ter reconhecido que ele próprio faz parte do sistema. A família tem o dever de fazer com que o idoso se sinta bem consigo mesmo e com todos e que sinta-se parte da família.

Devemos levar em conta que os arranjos familiares vem se modificando. Hoje as famílias são informais e menores. Não se tem mais à casa cheia de gente, com tios, avós, irmãos, primos, irmãos, todos morando juntos. Temos apenas pai, mãe e filhos, e quando muito, os avós.

Guite (2000) aponta que é comum haver choque de idéias entre pais e filhos e netos, por que os tempos mudaram e nem sempre as pessoas conseguem colocar-se dentro da realidade na qual o outro foi formado ou está vivendo. Cada época tem suas necessidades e obrigações, assim como aspectos positivos e negativos.

2.7 Os conflitos intergeracionais familiares

A família deve compreender que o Idoso vem de outra época, e de outros costumes. Para ele, viver no nosso mundo cheio de tecnologia e de novos costumes é muito difícil, e por isso a família tem que ter paciência para ensinar-lhe coisas como manipular um forno microondas, rádios, tvs, etc, pois na época deles não existiam esses produtos. Seria a mesma coisa se tivéssemos que voltar aos tempos dos nossos avós, tendo que cozinhar em fogão a lenha, passar com ferro de brasa: não saberíamos se ninguém nos ensinasse. Portanto, cabe à família orientar e acompanhar o idoso no aprendizado dos novos tempos e na convivência com todos da casa.

Na verdade, o que ocorre na maior parte das vezes, é uma falta de comunicação da família com o idoso. A causa desta falta de comunicação pode estar no próprio idoso que pode apresentar, por exemplo, problemas auditivos, dificultando assim o diálogo. Mas esse não é o único motivo. Pode haver também choque de valores. Os jovens vão perdendo o hábito de conversar com os idosos, os adultos passam a responder pelos mais velhos não os deixando opinar, falar o que querem, fazer suas próprias escolhas. Muitos idosos acabam aceitando essa situação e vão ficando cada vez mais dependentes da família. Outros não aceitam e surgem os conflitos familiares. Guite (2000, p. 60) explica que... “os filhos decidem

tomar tal decisão em relação à vida do velho por acharem que é o melhor para ele, mas raramente perguntam-lhe o que ele próprio acha que é melhor”. O mesmo autor(2000, p. 68) aponta ainda que: “ em todas as famílias, em maior ou menor grau, há uma transmissão de valores, crenças e condutas de uma geração para outra – o chamado aspecto transgeracional [...] ”

Não devemos esquecer que os filhos se espelham nos pais, e que, se estes maltratam os mais velhos, ou os ignoram, seus filhos irão fazer igual, com os idosos em geral, e com seus pais quando estes chegarem à velhice.

A família tem que ter a preocupação de romper essa cadeia, que dificulta a relação com o idoso. Os mais jovens precisam ter em mente que um dia irão envelhecer, assim como eles também já o estão, mudando a sua idéia de que a velhice é sinônimo de morte, doença entre outros.

2.8 As mudanças no ciclo de vida familiar

Na geração passada, as mudanças nos padrões do ciclo de vida familiar ocorreram especialmente por causa do índice de natalidade menor, da expectativa de vida mais longa, da mudança do papel feminino e dos crescentes índices de divórcio e recasamento.

A mudança do papel feminino nas famílias é central nesses padrões em modificação. As mulheres sempre foram determinadas para funções como mãe e esposa, mas atualmente elas estão passando pelo ciclo da maternidade mais rápido do que suas avós e este está dando lugar à carreira profissional.

As mulheres, mais do que os homens, buscam ajuda durante os anos em que educam os filhos, no momento em que seus filhos atingem a adolescência e saem de casa, e quando seus maridos aposentam ou morrem. São também as mulheres que tem a principal responsabilidade pelos parentes mais velho. O fato dessas mulheres buscarem ajuda quando tem problemas tem muito a ver com a

maneira diferente pela qual elas são socializadas, reforçando nelas o papel de assumir a responsabilidade emocional por todos os relacionamentos familiares.

Segundo as autoras Carter e McGoldrick (2001, p. 17), existem seis fases do ciclo de vida familiar sendo elas:

- A primeira fase do ciclo de vida familiar é a fase em que o jovem deixa a casa dos pais, estabelece objetivos de vida pessoal e começa uma carreira. Essa fase de “jovem adulto” é um marco, pois é o momento de, além estabelecer objetivos de vida pessoal, formar um “eu” antes de se juntar a uma outra pessoa e formar uma nova família. Para as mulheres, os problemas nesse estágio estão em deixar de lado sua definição de si mesmas em favor de encontrar um companheiro. O homem geralmente tem dificuldade de comprometer-se nos relacionamentos estabelecendo, em vez disso, uma identidade centrada no trabalho. Quanto mais os adultos jovens se diferenciarem do sistema emocional da família de origem, menos problemas eles levarão para sua nova família. Esse é o momento de escolher aquilo que levarão de sua família de origem, aquilo que deixarão para trás e aquilo que irão criar sozinhos.
- A segunda fase do ciclo de vida familiar é a do novo casal. Em nossa cultura atual os casais estão menos amarrados por tradições familiares e mais livres do que nunca para desenvolverem relacionamentos diferentes daqueles que experienciaram em suas famílias de origem. Tradicionalmente o casamento significava que a mulher cuidava do marido e dos filhos. Esse tradicional papel de esposa significava um baixo status, nenhuma renda pessoal e muito trabalho para as mulheres. Essa é uma das razões para o recente avanço da idade dos casamentos para uma idade mais tardia adiando-se assim o nascimento dos filhos e até mesmo optando por não tê-los.
- A terceira fase é a família com filhos pequenos. A mudança para esse estágio requer que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem. O esforço de tentar encontrar cuidados adequados para a

criança traz sérias conseqüências, pois dois trabalhos de tempo integral podem ficar a cargo da mulher; a família pode viver em conflito, as férias podem ficar reduzidas para poder pagar os cuidados das crianças ou as mulheres podem desistir de sua carreira profissional para ficar em casa. Essa transição tende a uma divisão de papéis mais tradicionais, com as mulheres fazendo a maior parte da manutenção doméstica e encarregando-se do cuidado das crianças. A nossa cultura ainda deixa às mulheres a principal responsabilidade pela criação dos filhos e as culpa quando alguma coisa dá errado. A transição para essa fase é acompanhada por uma diminuição na satisfação conjugal e por uma baixa auto estima nas mulheres. Poucos casais compartilham igualmente as tarefas domésticas e as responsabilidades pelos cuidados dos filhos. Para as avós, a mudança nessa transição é a de passar para uma posição secundária em que permitem aos filhos serem autoridades paternais principais e estabelecem um novo tipo de relacionamento carinhoso com seus netos.

- A quarta fase é a da família com adolescentes. A adolescência introduz uma nova época, traz uma nova definição dos filhos dentro da família e dos papéis dos pais em relação aos seus filhos. Os adolescentes abrem a família para novos valores quando trazem seus amigos e novos ideais para a família. Esse é também um momento em que os adolescentes começam a estabelecer seus próprios relacionamentos independentes, sendo necessários ajustes especiais para os pais e avós a fim de se ajustarem a esses novos padrões. Um fator importante no relacionamento conjugal nessa fase é a crise de um dos cônjuges ou de ambos, com insatisfações pessoais, conjugais e profissionais. Às vezes ocorre uma renegociação no casamento que se restabelece em novas bases ou até mesmo o divórcio. Nessa fase começa a mudança no sentido de cuidar da geração mais velha.
- A quinta fase é a fase lançando os filhos e seguindo em frente. É nessa fase que ocorre o maior número de entradas e saídas de membros da família. Ela começa com o lançamento dos filhos adultos e prossegue com a entrada de

seus cônjuges e filhos. É o momento em que os membros mais velhos estão adoecendo e morrendo. Os pais lidam com a mudança de status conforme abrem espaços para a nova geração e avançam para a posição de avós. Até uma geração atrás as famílias ficavam ocupadas com a criação dos filhos durante toda a sua vida adulta até a velhice. Atualmente em virtude do baixo índice de natalidade e do longo período de vida dos adultos os pais lançam seus filhos quase vinte anos antes de aposentar-se e devem então encontrar outras atividades para a sua vida. As dificuldades dessa transição podem conduzir a sentimentos paternos de vazio e depressão especialmente nas mulheres que acabam se sentindo despreparadas para enfrentar um novo mundo quando seus filhos deixam suas casas. Pode-se dizer que em algumas famílias esse estágio é visto como um momento de se expandir explorando novos papéis. Em outras ele conduz ao sentimento de vazio, de perda, depressão e desintegração geral.

- A sexta e última fase do ciclo de vida familiar, é a da família no estágio de vida tardio. A fase final da vida poderia ser considerada apenas para as mulheres, pois elas vivem mais tempo e a grande maioria das mulheres idosas são viúvas.

Atualmente existe o mito de que os idosos não têm famílias e que são colocados em instituições. Pelo contrário. A grande maioria dos idosos acima de 65 anos vive com outros membros da família.

Outro acontecimento importante para os idosos é a perda de amigos e parentes ou a perda de um dos cônjuges, que é a mais difícil pois tem que reorganizar a vida sozinho depois de muitos anos. Entretanto a condição de avós pode proporcionar um interesse pela vida, sem as responsabilidades da paternidade.

3 Metodologia e análise dos dados

3.1 Metodologia

O presente trabalho tem como proposta a realização de pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, objetivando conhecer a dinâmica familiar onde o idoso é provedor e verificando a qualidade de vida dessas famílias.

Essa pesquisa é de natureza qualitativa, pois a realidade é uma construção social da qual o investigador participa.

Para Martinelli (1999, p. 22) alguns pressupostos orientam a metodologia de pesquisa qualitativa. O primeiro deles é o conhecimento da singularidade do sujeito por que “cada pesquisa é única, porque o sujeito é singular, conhecê-lo significa ouvi-lo, escutá-lo, permiti-lhe que se revele”. O segundo e terceiro pressupostos incidem:

no reconhecimento da importância de se conhecer a experiência social do sujeito e não apenas a suas circunstâncias de vida. O terceiro é o reconhecimento de que eu conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social. (MARTINELLI, 1999, p. 22).

A denominação estudo de caso refere-se ao estudo de um caso, através de uma pessoa ou de um grupo, uma comunidade, um meio. Pode também referenciar um acontecimento especial, uma mudança política, um conflito...Ele é considerado como um tipo qualitativo de análise.(LAVILLE, 1999, p. 155).

O estudo de caso não pode ser considerado uma técnica que realiza uma análise do indivíduo em toda sua unicidade, mas é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando, bem como seu processo de desenvolvimento. Ao mesmo tempo que possibilita um conhecimento

mais global do contexto, transforma-se num novo momento de aprendizagem, que o torne o mais dinâmico, rico e desafiador processo de pesquisa.

Os estudos de casos podem ser feitos através do diário de pesquisa ou da história de vida do indivíduo, conforme Queiroz (1983, p. 69):

[...] e a longa reconstituição e o relato do passado efetuado pelo próprio indivíduo, desde o ponto mais longínquo do que se reporta, até os dias atuais. Relato autobiográfico, mais do qual a escrita (que define autobiografia) está ausente, substituída pela palavra ditada à máquina, ou pela palavra ditada a alguém.

Utilizamos o estudo de caso por ser mais viável para a concretização do nosso objetivo, onde o sujeito é parte integrante do processo de conhecimento, havendo assim uma relação entre mundo real e sujeito e já que o objetivo é desvendar os impactos sofridos por esses idosos e familiares na condição de provedores e colaboradores na manutenção de seus lares.

Foram visitados alguns núcleos referentes à terceira idade, dentre deles o Grupo Esperança (duas visitas) que se localiza na Igreja Bom Jesus na Vila Industrial, em Presidente Prudente. Essas visitas tinham como intuito conhecer os participantes, para identificar entre elas idosas provedoras de família.

Em nossas visitas conhecemos a coordenadora do grupo, que nos relatou que o grupo existe há vinte anos, tem a participação de trinta e cinco senhoras carentes, que se reúnem no salão da igreja todas as terças-feiras no período da tarde, para realizarem suas atividades que são, oração, aulas de artesanato e de educação física, orientadas por dois professores e uma coordenadora. Já que o grupo é registrado na Prefeitura Municipal de Presidente Prudente os professores são cedidos por ela e quando realizam passeios e viagens a Prefeitura oferece transporte. Fora isso não recebem nenhum outro tipo de ajuda.

O grupo tem uma poupança que foi feita desde o início do grupo, onde se guarda o dinheiro da venda do artesanato feito por elas, e pela arrecadação mensal de dinheiro das participantes, sendo que essa arrecadação não é imposta de forma

obrigatória. Cada uma dá o quanto pode e quando pode. O dinheiro desta poupança é utilizado para compra de remédios e cestas básicas para as participantes que estiverem necessitando de ajuda naquele momento, para realizarem seus passeios e viagens e sua festas de confraternização como, por exemplo, festas de final de ano.

Para essas idosas o grupo traz benefícios e satisfações para suas vidas pessoal e social como, aumento da auto-estima, melhora no relacionamento familiar e pessoal, novas amizades, conhecem lugares diferentes com os passeios e viagens. Algumas até pararam de tomar remédios depois de ter começado a participar do grupo. Através do grupo perceberam que a idade não as impede de realizarem e de participarem de muita coisa que pode e traz mudanças em suas vidas.

Dentre essas trinta e cinco participantes do grupo, detectamos sete provedoras de família e quatro foram escolhidas de acordo com o objetivo de nossa pesquisa, disposição de horário e vontade de contribuir para nossa pesquisa. As visitas foram realizadas separadamente em dias e horários alternados, de acordo com a disponibilidade delas.

Nossa primeira entrevista foi com a Dona Toninha. Foi uma entrevista bem descontraída fizemos apenas uma visita e ela se encontrava sozinha na hora da entrevista. Ela se mostra de bem com sua situação, de bem com a vida, foi constatado que sua filha de quarenta e dois anos mora com ela e não se casou por opção própria e como hoje a filha não está trabalhando por motivo de saúde, a mãe com sua pensão é quem sustenta o lar.

Na segunda entrevista que foi realizada com a Dona Cotinha, foi feita apenas uma visita. O ambiente durante a entrevista estava tenso, porque seu filho ficou todo o tempo próximo e mostrando muita agressividade nas palavras que dirigia à sua mãe no decorrer da entrevista. Constatamos que o filho foi morar com a mãe após ter se separado da esposa, e que a entrevistada sustenta a casa apenas com sua pensão já que o filho se encontra desempregado.

A terceira entrevista foi feita com a Dona Dinda e a ela também foi feita apenas uma visita. Na hora da entrevista o filho e netos estavam dormindo. Trata-se de uma senhora muito bem informada de seus direitos e deveres como cidadã, conhecedora também das políticas públicas do nosso município. Foi uma entrevista tranqüila na qual ela se mostrou muito satisfeita em poder estar ajudando seu filhos e netos já que na sua casa mora sua filha (que se separou há pouco tempo do marido não podendo contribuir no sustento do lar por que se encontra muito endividada) e seu filho que até um mês atrás estava desempregado podendo contribuir somente a partir deste mês. Portanto o sustento do lar fica com a Dona Dinda que o faz com sua pensão e aposentadoria.

A quarta e ultima entrevistada foi Dona Mariquinha. Realizamos a entrevista em apenas uma visita. O seu filho estava na casa mas não participou da entrevista. E ela se mostrou bastante nervosa e triste durante a entrevista. Quanto ao fato de sustentar o lar com sua aposentadoria e pensão ela se mostra triste e nos relata que gostaria que o ex-marido ainda fosse o chefe da família e não ela. O seu filho mais novo mora com ela não podendo ajudá-la porque se encontra desempregado. Ela não se mostra muito incomodada com isso e diz que “aperta daqui e dali e acaba dando”.

Esclarecemos que os nomes usados são fictícios e que no ato do convite para participar do Estudo foram apresentados os objetivos bem como garantida a confidencialidade dos dados.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro estruturado com perguntas norteadoras e abertas. Utilizamos como instrumental o gravador. Após a entrevista a mesma foi transcrita o que nos permitiu analisar cada uma.

Apresentaremos no relatório desta pesquisa uma síntese de cada caso, onde modestamente pretendemos que o leitor conheça as alegrias, tristezas, dores e avanços de uma pessoa que vive contribuindo para a felicidade de uma família no decorrer de um tempo longo, já que estes casos representam a historia de uma vida.

Acrescentamos a eles nossa análise teórica que se apresenta simples num universo tão complexo como é o universo das relações familiares.

3.2 Estudo de Caso

3.2.1 Dona Mariquinha

Dona Mariquinha relata ter nascido na cidade de Presidente Prudente em 17/04/1939. Ainda nenê foi morar em sítio arrendado pelo pai no mesmo município porque a família era muito humilde e buscava melhores condições de vida. Quando ela completou oito anos de idade voltou a morar na cidade junto da família, já que o sítio não mais oferecia condições suficientes para sustentar a mesma. Era uma família grande, formada pelos pais e 14 filhos, sendo Dona Mariquinha a filha mais velha. Ela relata que não gostava de ser a filha mais velha porque era ela que ajudava a criar os irmãos, ela sempre foi pajem deles e quando a mãe ficava grávida ela reclamava. O relacionamento da família era muito bom tanto a mãe quanto o pai eram carinhosos e atenciosos com eles, o pai sempre mais. Diz ela que quando dormiam era o pai que ia cobri-los.

Quando chegaram à cidade o pai começou a trabalhar em uma serralheria, onde trabalhou até falecer, Dona Mariquinha estudou até o segundo ano do ensino fundamental, parando de estudar para trabalhar, já que o pai não ganhava o suficiente para manter o sustento da família. Começou a trabalhar com 12 anos de idade como empregada doméstica em casas de família. Trabalhou pouco tempo na primeira casa e nem mesmo lembra o nome da primeira patroa ou o tempo que trabalhou lá. Já na segunda casa trabalhou nove anos até se casar. Ela mantém até hoje amizade com ex-patroa e se refere a ela como “minha amiga”. Os irmãos dela começavam a trabalhar quando atingiam certa idade, e assim ajudavam no sustento da casa. Dona Mariquinha se casou com 24 anos de idade, e seu marido tinha 22 anos de idade. Ela sempre foi muito religiosa, sempre participava dos eventos realizados pela igreja e foi em um dos eventos, uma quermesse, que conheceu seu

marido. Ele lhe mandou um correio elegante que a mesma guarda até hoje. Parou de trabalhar a pedido do marido e nos relata que sua profissão foi de acordo com o que estudou, que nunca sonhou ou buscou outra profissão por não ter tido estudo suficiente. Dona Mariquinha teve quatro filhos deste casamento, o mais novo com 18 anos de idade, desempregado, um filho de 36 anos de idade pai de um filho de 03 anos de idade, uma filha de 39 anos de idade e a mais velha de 40 anos de idade, mãe de dois filhos de 10 e 12 anos de idade.

Dona Mariquinha nos relata com muita tristeza que os pais morreram muito cedo: o pai faleceu com 52 anos de idade de câncer no estômago, e a mãe com 62 anos de idade de leucemia. Ela fala deles com muita saudade. Dos 14 irmãos 12 são estão vivos, o caçula faleceu de AIDS há pouco tempo e outro irmão de morreu de infarto. Ela não quis se estender muito no assunto da morte dos irmãos.

Dona Mariquinha não voltou a trabalhar, mora em uma casa própria, uma casa com seis cômodos, inacabada, mas é feita de alvenaria e possui todos os serviços necessários, água encanada, luz, esgoto, coleta de lixo. Na casa moram ela e o filho mais novo que está desempregado. Portanto ela é quem mantém a casa e sustenta o filho com sua aposentadoria mais a pensão que recebe do ex-marido. No mesmo terreno tem uma segunda casa que é onde seu outro filho mora, com a esposa e filho, tendo também mais dois cômodos construídos no fundo da casa, que são utilizados como depósito pelo filho. Seu sonho é terminar sua casa, mas agora não tem condições financeiras. Ela nos relata que está separada há dois anos do marido Este fato nos é relatado com muita tristeza: o fato é que o marido a deixou para se casar com mulher mais nova. Ela diz sentir muita falta, muita saudade dele, já que tudo que ela fazia era junto com o marido. Gostaria que ele ainda fosse o chefe da família que ele sustentasse a casa e não ela, mas o que ela faz é com amor e carinho. O relacionamento da família sempre foi muito bom são bem unidos, os filhos aceitaram bem a separação, por que não podiam fazer nada. Eles apóiam e ajudam muito a mãe em vários sentidos: financeiros quando dá, emocional, em tudo que ela precisar pode contar com eles. Os filhos sempre ajudaram na manutenção da casa quando solteiros e é uma ajuda que às vezes faz falta já que agora casados tem

suas casas próprias para sustentar. Mesmo que a mãe tenha se tornado chefe da família, tudo que ela vai fazer é conversado antes com os filhos, para ver se eles apóiam, se acham certo, tudo é discutido antes. O relacionamento entre eles é ótimo segundo ela. Quanto aos netos eles são super amorosos e carinhosos, mas ela acha que não dá para eles o carinho necessário.

Aposentar-se para ela foi ótimo, porque assim tem seu próprio dinheiro. Ela se aposentou pela idade e diz que o que recebe é o suficiente para sobreviver, para o sustento da casa, e das necessidades básicas dela e do filho. Entretanto, ela não se dá o direito de desejar algo, pois diz não ganhar o suficiente para isso. Nesta nova fase de vida ela se sente melhor, porque já não tem tantas preocupações, os filhos já estão criados já não a preocupam mais, a não ser com o filho mais novo que não esta conseguindo emprego.

Ela aceita o processo de envelhecimento como uma nova fase de sua vida, mais leve, acha que envelhecer hoje não é tão difícil como antes, que agora os idosos são mais respeitados. Ela é uma pessoa muito religiosa, quase não sai de casa, para ela lazer é ir à igreja, viajar com as amigas e com o grupo da igreja que ela participa. Adora viajar e esta semana mesmo vai fazer uma viagem com as amigas.

Dona Mariquinha diz nunca ter tido necessidade de usar serviços públicos e que nunca buscou seu direito de cidadã, mas estudou em escola pública, e é aposentada. Hoje não utiliza mais a saúde pública porque seus filhos pagam plano de saúde particular para ela, mas já usou. Ela se mostra bastante desinformada sobre políticas públicas e sobre seus direitos e deveres do cidadã.

Ela participa de um grupo de idosos que existe há 20 anos próximo ao bairro onde mora, formado por senhoras que freqüentam a mesma igreja. Neste grupo elas participam de atividades como artesanato, atividades físicas, passeios, viagens, atividades religiosas, entre outras. Ela gosta muito do grupo e o considera como o lugar onde se faz muitas amigas que se ajudam nesta nova fase da vida, já que todas que participam são idosas. Participar deste grupo trouxe muitas mudanças

positivas para vida dela, e para as outras participantes, como aumento da auto estima, a melhora no relacionamento com os familiares, na sociedade, melhoras físicas pois, muitas deixaram de tomar remédios, se sentem mais dispostas, fizeram novas amizades no grupo que é uma forma que elas encontram de sempre estarem fazendo alguma coisa em seu próprio benefício e das amigas.

3.2.2 Dona Toninha

Dona Toninha é católica, natural do Estado de Pernambuco e nascida na zona rural. Veio de uma família de sete pessoas, os pais e quatro irmãos, sendo ela a primeira filha dos cinco irmãos. Dona Toninha não teve o privilégio de ter uma infância feliz. Com cinco anos ficou órfã de pai, e aos sete teve necessidade de começar a trabalhar na lavoura de feijão, mandioca e na farinheira, para ajudar sua mãe a criar seus irmãos. Com isto nunca pode estudar, mas gostaria de ter estudado, pois lhe faz muita falta até hoje.

Apesar de tanto sofrimento sonhava em ter uma vida melhor e se casou aos dezessete anos. Porém seu marido pouco tinha a lhe oferecer e sua vida se tornou ainda mais difícil, principalmente quando seus filhos começaram a nascer. Foram ao todo dez, sendo que dois morreram ainda criança. Dona Toninha e seu marido continuaram com o trabalho no campo e mesmo com seus filhos trabalhando na roça a situação ainda era difícil. Eles conseguiram estudar até a quarta série do ensino fundamental.

A dificuldade para a sobrevivência existia mas em seu lar existia também harmonia e um bom relacionamento entre pais e filhos. Cansados da vida na roça mudaram para a cidade, onde o seu esposo começa a trabalhar em uma firma. Como ele ganhava muito pouco dona Toninha além de continuar com seu trabalho na lavoura de amendoim e algodão, teve que começar a lavar roupas para fora. Ficou viúva de repente porque seu marido morreu de infarto quando estava

trabalhando. Deixando para ela uma pensão que a mantém e à sua filha que mora com ela. Essa filha não se casou por opção. Os outros filhos se casaram.

Dona Toninha paga todas as despesas da casa, vivencia o seu processo de envelhecimento com muitas dificuldades, pois tem vários problemas de saúde, como por exemplo, gastrite, hipertensão, asma, uma hérnia de estômago e já sofreu cinco cirurgias.

Da convivência com a sua filha ela relata que tem um ótimo relacionamento com ela que é muito atenciosa com a mãe, lhe dá muito carinho, se tratam como amigas. Quanto aos outros filhos, noras e netos todos se relacionam muito bem, mas não a ajudam em nada. Ela gostaria que eles a ajudassem pelo menos no fim do ano, porém ela não pede ajuda por eles também terem suas famílias para cuidar.

Dona Toninha afirma que gostaria muito de poder dar presentes para todos da família porém não tem condições, nem mesmo de cobrir a sua casa, que molha tudo quando chove. Diz ainda que, por sorte, ganha seus medicamentos no posto de saúde, Palácio da Saúde, e INSS, onde diz ser muito bem atendida.

Ela gostaria muito de passear, viajar, mas apenas pode fazer visitas aos seus filhos, isso de vez em quando. Fica em casa ouvindo o seu rádio, faz suas orações, às vezes vai à missa quando se encontra bem de saúde. O costume de ir a missa foi herdado de sua mãe que era muito católica. Pratica atividades físicas como caminhadas, e quando fazia parte do Grupo Esperança da terceira idade da Igreja Bom Jesus ela participava das atividades que o grupo faziam como artesanato, educação física entre outros. Lá ela encontrou muita alegria, bons relacionamentos, troca de experiências, e amizade. Muitas coisas mudaram em sua vida e na dos outros idosos. Hoje não participa mais do grupo por problemas de saúde.

Ela gostaria que o governo aumentasse o salário, pois o aumento que o Presidente Lula deu foi muito bom mas não o bastante. Não dá para viver com um salário mínimo. Ela afirma que os idosos merecem mais, muito mais.

3.2.3 Dona Cotinha

Dona Cotinha nasceu no município de Álvares Machado, na zona rural, em sítio de seu pai. Morou até os 11 ou 12 anos de idade, onde cursou a escola até a quarta série do ensino fundamental. Depois seu pai vendeu metade do sítio indo morar em Alfredo Marcondes onde abriu uma pensão na cidade e ela passou a trabalhar para comprar seu enxoval.

Depois que casou não trabalhou mais porque seu marido não deixava, e não precisava já que ele trabalhava. Ela ficava em casa cuidando das crianças e dos afazeres do lar.

Relata que seu relacionamento com os pais era muito legal, não saíam nem viajavam com os pais. Só quando se casou começou a sair um pouco. Ia a lugares próximos como o cinema que tinha na cidade. Ela se casou com vinte anos de idade, namoraram dez meses e se casaram. Tiveram seis filhos, dos seis filhos cinco são casados, batalharam e conseguiram sua casa própria. Apenas um dos seus filhos mora com ela. Ele tem quarenta anos de idade, já foi casado e hoje se encontra separado e está desempregado há dois anos. Faz “bicos” como pedreiro, nada fixo. Com o dinheiro de seu trabalho dá aos filhos roupas e alimentos

Dona Cotinha recebe uma pensão mensal devido à morte do marido. O dinheiro é usado para todo o sustento da casa, quando seu filho pode ele ajuda, sobrando assim algum dinheiro para comprar roupas e sapatos, mas ela nos relata que ultimamente o dinheiro está dando apenas para o básico, para sobrevivência, nos relatou com muita tristeza não ter condições de comprar nem mesmo um chinelo para ela, que é algo que ela está precisando, fica triste por não poder dar dizimo para igreja, chorou ao nos relatar que está devendo o imposto da casa, que é seu sonho quitar essa dívida, pois a casa é a única coisa que o marido deixou.

Conta que é tranquilo o relacionamento com os filhos e com seus netos, que conforme ela foi envelhecendo melhorou o tratamento dos filhos com ela. Mesmo com a idade ela continua a fazer o trabalho doméstico, sua comida e a única coisa

que mudou é que ela aperta daqui e dali para ter como pagar as contas. Sua saúde é boa, toma remédios apenas para hipertensão e tem varizes nas pernas que a incomodam. Seus remédios são fornecidos pelo posto de saúde, onde diz ser muito bem tratada.

Passou a participar do Grupo Esperança da Igreja Bom Jesus após a morte de seu marido, para superar a solidão. Seu relacionamento social melhorou assim como auto estima, e por consequência melhorou sua vida.

3.2.4 Dona Dinda

Dona Dinda nasceu na cidade de Penápolis, em 24/04/37. Logo depois seus pais mudaram para Marília ficando um tempo lá. Em Marília seu pai teve um armazém que fornecia produtos para o pessoal da roça, mas não deu certo, pois o pessoal não pagava e seu pai acabou perdendo tudo.

Nessa época seu pai passou a derrubar matas na esperança de que iria dar certo, mas também não deu, devido a um problema de saúde: ele foi pregar uma cerca e voltou um prego em seu olho furando-o e ele acabou perdendo a vista.

Depois mudaram para Flórida Paulista permanecendo um tempo, indo depois para Irapuru onde ficaram muitos anos.

Eram ao todo quatorze filhos, mas cinco morreram durante a infância. A relação com seus pais eram boas, apesar de sua mãe ser muito brava. Em Irapuru ela e seus irmãos começaram a ir à escola, e também a trabalhar na roça para melhorar a vida, mas também não tiveram sucesso.

Em 1952, vieram para Presidente Prudente. Dona Dinda e seus irmãos eram adolescentes e foram trabalhar na cidade. Alguns de seus irmãos foram trabalhar em um depósito de gás e Dona Dinda em casa de família, depois em um restaurante e em seguida passou muitos anos trabalhando em um Hospital. Com esses trabalhos ela foi criando os seus irmãos e ajudando em casa pois era a mais velha.

Quando trabalhava em um Hospital conheceu um rapaz que entrou para trabalhar nesse mesmo hospital. Começaram então a namorar por um ano e casaram, mas ficaram casados somente por três anos e meio pois seu marido morreu assassinado. Desde que ficou viúva nunca mais se casou.

Desse casamento tiveram três filhos, dos quais uma é casada e trabalha na área da saúde, a outra filha é separada e mora com ela na mesma casa junto com seus três netos e também seu outro filho que é solteiro e mora na mesma casa. Seu filho trabalha e estuda Educação Física e os netos que moram com Dona Dinda são estudantes.

Assim ela foi criando os seus filhos, sendo pai e mãe ao mesmo tempo, ajudando agora a criar também os netos.

Para ela durante o processo de envelhecimento morar sozinha seria pior por causa da solidão e junto com seus netos e filhos ela não fica sozinha e não sente tanto o envelhecimento pois ela acompanha o crescimento dos netos, a vida deles e participando de tudo o que acontece com eles. Então a vida fica mais completa.

A sua chegada à aposentadoria foi um sonho porque não via a hora de parar de trabalhar. Porém ela pensou em não parar pois ia ser pior ficar em casa sem fazer nada.

Dona Dinda começou então a fazer caminhada sozinha, fazer pintura para passar o tempo, porque só ficava em casa assistindo televisão. Então ela decidiu participar de alguma coisa e decidiu entrar para o grupo da terceira idade da igreja Bom Jesus estando já há dois anos. O grupo lhe proporcionou uma vida social ativa, novas amizades, viagens, trabalhos manuais e ginástica.

Para Dona Dinda essas atividades desenvolvidas dentro do grupo só trouxeram benefícios pois ela se acha uma pessoa muito fechada, não tendo muitas amizades e com o grupo ganhou mais auto estima e confiança.

Para Dona Dinda a convivência entre diferentes gerações é importante pois entre eles não existe nenhum problema, principalmente quanto ao respeito com os mais velhos. Seus filhos têm a consciência e o respeito que se deve ter para com os idosos, e em relação a ela a preocupação é em torno de sua saúde pois ela apresentou depressão e o médico lhe receitou participar desses grupos voltados para a terceira idade.

Ela relata que a única instituição em que busca amparo é a da área da saúde.

Atualmente seu filho começou a trabalhar mas tem muitas despesas com a faculdade. Sua filha quando se separou do marido e veio morar com ela trouxe muitas dívidas ficando a situação financeira sob sua responsabilidade.

Para Dona Dinda ajudar na manutenção da casa é normal. Ela diz que se sente bem e acha que estava certo, pois ela vê que não dá para os seus filhos ajudarem.

Dona Dinda vê essa situação como normal pois ela ajudou a criar os seus irmãos pois era a mais velha e sua mãe era doente e dependia dela. Criou depois os filhos quando ficou viúva e agora ajuda também os netos.

Conforme os seus filhos foram crescendo ela trabalhava e estudava à noite e quase não via os seus filhos crescerem, mas mesmo assim ela nunca deixou de estudar apesar das dificuldades.

Depois de criar seus irmãos, filhos e agora ajudando a criar os netos sente que tem uma relação ainda melhor com sua família apesar das diferenças geracionais.

Segundo Dona Dinda ela se acha bem informada, pois já participou do Fórum do Idoso e de palestras recebendo informações sobre cidadania e seus direitos.

Para finalizar ela ressalta que um dos seus desejos foi alcançado: ir à praia, Ela teve essa oportunidade juntando o dinheiro da aposentadoria. Outros desejos seus são: terminar sua casa e conhecer a cidade de Campos do Jordão.

3.3 Análise e interpretação dos dados

Esta interpretação tem por objetivo levantar algumas informações sobre a forma de vida das mulheres que são provedoras de suas famílias.

Durante a entrevista pudemos resgatar suas experiências de vida, relembando sua trajetória desde a infância até o presente momento, passando por dificuldades e alegrias em sua vida.

Essas mulheres viveram em uma época em que não tiveram uma infância bem vivida, pois tiveram que trabalhar muito cedo, deixando os estudos em segundo plano.

No depoimento de D. Toninha verificamos essa situação:

“... Tive uma infância difícil, o meu pai morreu eu tinha cinco anos, ao sete fui trabalhar na roça de mandioca para ajudar minha mãe a criar os filhos...”...

Para D. Toninha trabalhar na roça foi a alternativa para ajudar sua família, deixando o estudo de lado; entretanto ela revela que gostaria de ter estudado até o primeiro ano primário.

Observamos que vieram de famílias grandes. D. Dinda diz:

[...]”Éramos em quatorze filhos eu era a mais velha e ajudava a criar meus irmãos”[...]

D. Mariquinha relembra:

“[...] Era uma família grande com quatorze irmãos e eu era a mais velha, mas não gostava, pois tinha que ajudar a criar os irmãos, eu sempre fui pajem deles. Quando minha mãe ficava grávida eu sempre reclamava[...]

Para a maioria das entrevistadas a sua juventude foi o trabalho. Segundo D. Mariquinha:[...]“Éramos em muitos então comecei a trabalhar aos 12 anos em casa de família para ajudar minha mãe[...]”

A partir dos doze anos de idade, D. Cotinha também passou por esse processo:

[...]“Meu pai vendeu a metade do sítio e foi para Alfredo Marcondes, depois mudamos pra cá, o meu pai abriu uma pensão e eu trabalhava lá, lavava mesa, limpava o salão, tudo por minha conta [...]”

É na família o primeiro grupo social de que fazemos parte, que acontece a identidade do indivíduo. Essa fase é fundamental para dar estrutura ao desenvolvimento de outros papéis.

D. Dinda fala: [...]“Apesar de tudo, estudei até onde pude estudar, aí trabalhei em casa de família para ajudar a criar meus irmãos[...]”

Dentre esses relatos observamos que tanto a infância quanto a juventude foram de trabalho para ajudar suas famílias, deixando os estudos em segundo plano ou às vezes nem estudando como o caso de D. Toninha.

Apesar de terem uma infância menos idealizada o relacionamento familiar entre elas e suas famílias era bom, e apesar de todas as dificuldades sempre se mantiveram unidos.

[...]“ Minha família é muito unida até hoje. Meu pai levantava de noite e ia olhar nós e hoje com meus filhos continua a mesma coisa[...]” (D. Mariquinha).

No depoimento de D. Dinda encontramos o sentimento de pertencer ao grupo familiar.

[...]“ Desde a infância, a nossa relação foi tranqüila e agora com meus filhos e netos também. Tudo o que eles vão fazer me falam antes[...]”

D. Toninha ressalta [...]” Tive e tenho uma boa relação com minha família e com meu marido antes dele falecer e também a com minha filha que mora comigo até hoje, somos como amigas[...].”

Vemos nos depoimentos que as famílias foram fundamentais na sua infância e até hoje continuam fazendo parte dessa mesma família, mas com gerações diferentes que são seus filhos e netos. Por isso a família deve estar preparada para essa nova fase que é decorrente de várias adaptações como a viuvez, aposentadoria, passagem para a condição de avós tendo sempre que se readaptar a essas novas exigências.

Como afirma Zimermam (2000, p.53):

a família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento de seus membros componentes.

A juventude das nossas entrevistadas, já trabalhando fora de casa, foi a época em que elas conheceram seus maridos e se casaram constituindo sua própria família. Como afirma D. Mariquinha:

“[...] Conheci meu marido quando participava dos eventos realizados pela igreja. Ele me mandou um correio elegante que eu guardo até hoje, namoramos e casamos, tivemos quatro filhos[...]”

Já D. Dinda conheceu seu marido em seu ambiente de trabalho.

“[...] Quando eu trabalhava no Hospital, conheci um rapaz que começou a trabalhar lá, namoramos um ano, casamos e tivemos três filhos [...]”

Segundo D. Cotinha foi após seu casamento que ela começou a sair de casa:

“[...] Meus pais não saíam para lugar nenhum, comecei a sair quando eu casei. Quando viemos para Prudente eu e meu namorado, namoramos por dez meses e casei, onde morávamos não tinha nada, só um cinema aí eu ia com meu marido...”

Nem sempre o processo de constituir família foi feito de maneira satisfatória para nossas entrevistadas. Vemos isso nos depoimentos de D.Toninha e D.Mariquinha:

“[...] Depois que casei piorou mais ainda as coisas ele não tinha nada, só arrumamos um monte de filhos, ao todo eram dez [...]”(D. Toninha).

“[...] Depois que eu casei parei de trabalhar, pois meu marido não queria que eu trabalhasse, só cuidar dos filhos e netos, assim nunca mais trabalhei e nem busquei outra profissão, sempre fui doméstica pois não tive estudo suficiente[...]”

Lembramos que elas constituíram famílias na década de 50, período em que os papéis do homem e da mulher eram definidos: ao homem cabia a responsabilidade de prover a família e à mulher as tarefas do lar e cuidar dos filhos.

D. Dinda, nunca deixou de trabalhar e estudar e mesmo depois de viúva retomou seus estudos.

“[...] Sempre trabalhei e estudei depois que fiquei viúva fui pai e mãe ao mesmo tempo, trabalhava de dia e estudava à noite, nem via meus filhos crescerem... “

De acordo com o ciclo natural da vida, surge uma nova fase que é a aposentadoria. Uma fase que para muitos pode ser o fim, por não produzirem mais no trabalho, mas pode também representar o começo de uma nova fase.

A entrada para a aposentadoria foi vivenciada também pelas nossas entrevistadas:

“[...] me aposentar foi ótimo, pois assim vou ter meu próprio dinheiro[...] “ (D Mariquinha.).

Já D. Dinda via a aposentadoria como um sonho a ser realizado:

“[...] eu não via a hora de aposentar e ficar em casa sem fazer nada, não ter mais horário para nada, foi um sonho[...]”

Para nossas entrevistadas, a aposentadoria não foi só um passo para deixar de trabalhar e ter seu tempo livre, mas sim um momento de manter-se ajudando na manutenção de suas famílias, devido ao desemprego que surgiram nessas famílias. Mesmo diante desse novo papel elas se conformam se apegando a Deus e entendem que a situação no momento é essa.

D. Cotinha ressalta “[...] o meu filho que mora comigo está parado, não acha emprego, faz cinco anos que ele não está empregado, não acha, pros outros tem pra ele não, então eu ajudo, mas só tenho a me conformar com que eu tenho[...]”

D. Dinda também acha normal essa situação:

“[...]eu achava normal meus filhos precisavam. Meu filho ficou desempregado muito tempo, minha filha se separou e veio morar comigo e trouxe muitas dívidas. Eu via que não dava para eles ajudar então eu me sentia bem, eu ajudei a criar meus irmãos, meus filhos e agora os netos [...]”

D. Toninha lembra “[...] eu sempre mantive a casa ajudava meu marido, lavava roupa pra fora e trabalhava na roça pra lá da Cogesp. Mesmo quando vim pra cá continuei a trabalhar na roça ia pra lá com todos meus filhos pequenos trabalhava a semana inteira. Quando fiquei viúva minha filha tinha 19 anos e está comigo até hoje quando ela está trabalhando ela ajuda na cozinha, na compra, quando ela trabalha o máximo que ela ajuda é cinquenta reais; seria bom se ela colocasse tudo igual, no momento ela não está trabalhando ela parou desde o ano passado [...]”

Antigamente a posição de chefe de família cabia ao homem e à mulher cabia a criação dos filhos e o trabalho doméstico. Observamos isso na voz de D. Mariquinha:

“[...] Gostaria que ele ainda fosse o chefe da família que ele que sustentasse a casa e não eu, mas o que faço é com amor. Minha aposentadoria é suficiente para o

sustento da casa e do meu filho caçula que mora comigo, mas não me dou o direito a desejar algo pois sei que não é o suficiente para isso, eu só queria terminar minha casa [...] “

Vemos que nossas entrevistadas, apesar de ajudarem na renda de suas famílias se conformam deixando sonhos que poderiam ser realizados, como o caso de D. Toninha:

“[...] a renda não dá pra nada, só pras coisas primordiais não tem condições de fazer uma viagem e de cobrir minha casa , minha filha está desempregada, as despesas tudo na casa sou eu, quando ela está trabalhando ela ajuda, tem que se conformar com aquilo que Deus deu pra nós, agradeço muito a Deus[...]”

Observamos na fala de D. Cotinha que ela ficou muito emocionada ao falar de suas de suas dividas e nos fala com muita tristeza de não ter condições de comprar o mínimo necessário:

“[...] eu vou falar a verdade não é de hoje que eu tô querendo um par de chinelos, mas não sobra dinheiro, então [...] “

D. Cotinha diz muito emocionada que gostaria de continuar a pagar o dizimo da igreja:

“[...] eu paguei muito o dizimo, tem uns três anos que parei de pagar não sobra dinheiro, quando tem um real eu levo na oferenda, domingo passado eu levei, quando foi ontem eu não tinha, estou devendo imposto na prefeitura, mas não tenho condições de pagar[...] “

A entrada na fase da terceira idade foi bem vivenciada por elas deixando para traz os mitos em relação a essa fase, como se fosse o fim e não a entrada para uma nova vida. D. Dinda comenta:

“[...] se eu morasse sozinha seria pior, mas como eu moro com meus netos parece que a gente não sente tanto o envelhecimento da gente, pois a gente vai acompanhando a vida deles a criação deles[...] “

Para D. Mariquinha envelhecer foi uma nova vida:

“[...] nessa fase eu me sinto melhor, mais leve, porque já não tenho tantas preocupações, os filhos já estão criados, envelhecer hoje não é tão difícil como antes agora os idosos são mais respeitados [...] “

Segundo D. D. Toninha o processo de envelhecimento é visto como algo positivo, pois seus filhos já trabalham e são casados: “[...] eu agradeço a Deus por estar vivendo até hoje, já que estou vivendo dou graças a Deus [...] “

A convivência entre pessoas de gerações diferentes pode gerar conflitos entre eles, pois os idosos de hoje pertencem a outras épocas, com costumes e valores diferentes. Essa convivência intergeracional apresenta também aspectos positivos, pois a família é fundamental para eles e pertencer ao grupo familiar é ser importante para o outro. D. Dinda ressalta:

“[...] desde que fiquei viúva fiz o papel de mãe e pai, e o respeito é grande o relacionamento é tudo igual, não existe um que manda no outro; os meus filhos tudo o que vão fazer se comunica comigo e os meus netos a mesma coisa[...] “

Expressões de sentimentos de pertencer ao grupo familiar relatam a satisfação pela relação de cumplicidade entre seus membros.

“[...] Meus filhos me apóiam e me ajudam em vários sentidos, financeiros emocionais em tudo que eu precisar posso contar com eles tudo o que se vai fazer é conversado e meus netos são amorosos e carinhosos [...]” (D. Mariquinha).

D. Cotinha também fala:

“[...] a relação com meu filho que mora comigo é tranqüila, os meus outros filhos netos e vizinhos não mudaram o jeito de me tratar quando envelheci, pelo contrário melhorou não mudou meu cotidiano, só faço economia para o dinheiro durar o mês inteiro [...]”

Queremos ressaltar que durante a entrevista notamos que essa relação de D. Cotinha e seu filho é um pouco tumultuada não parecendo ser uma relação tranqüila. O seu filho se mostrou uma pessoa agressiva com ela ficando o tempo todo interrompendo a conversa e opinando, contradizendo o que ela relatou fica evidente pelo seu tom de voz irônico e arrogante. Presenciamos uma cena em que ele está com o pé em cima da perna dela:

“[...]Oh, tá gravando , não fica falando palavrão! (rindo)

Ela diz ...” doeu eu não vou gritar...”

Em seguida ele sacode a sua cabeça e fala “acorda Brasil”

Já para D. Toninha a sua relação com os filhos é mais agradável:

“[...] minha filha que mora comigo me trata bem e é atenciosa até hoje, graças a Deus, ela vai fazer 42 anos nunca se casou, nós nos combinamos muito, ela nunca me deu trabalho e nem os outros filhos [...] “

É natural nessa fase da vida perceber as políticas públicas como uma benesse já que existe a cultura do assistencialismo. Embora não deixando transparecer, em algum momento da vida, elas utilizaram alguns desses serviços.

Se em todas as etapas da vida ganhamos e perdemos, não percebemos na velhice só perdas e sim muitos ganhos que só tem a contribuir nesse processo. Suas famílias as apóiam e retribuem em uma troca de experiências e que a idade não constitui uma barreira para adquirir conhecimentos em relação aos seus direitos e deveres como cidadã.

“[...] estou sempre informada, pois participei desses fóruns do idoso, assisti palestras e recebi orientações, mas nunca busquei ajuda [...] “(D. Dinda).

Nossas entrevistadas nunca buscaram seus direitos de cidadã por acharem que nunca precisaram, ficando somente na área da saúde. Como é o caso de D. Cotinha e D. Toninha:

“[...] não busco amparo em nenhuma instituição, só na família, pego apenas remédio e me trato no INSS [...]” (D. Cotinha).

“ [...] na saúde sou bem atendida eu vou ao INSS e me atendem bem [...]” (D. Toninha).

Em nossa cidade existe diversos programas de atendimento aos idosos como foi citado anteriormente, com o intuito de incluir os idosos na sociedade.

Nossas pesquisadas se desvincularam de suas tarefas como a educação dos filhos e a profissão e viram que tem muito caminho pela frente e que não podem parar apesar de ser uma trajetória difícil, mas buscaram alternativas para preencher seu tempo livre: uma vez por semana elas vão ao grupo Esperança da Igreja Bom Jesus e fazem atividades como ginástica e artesanato entre outros.

No contexto do grupo, estabeleceu-se um espaço de convivência em que as participantes passaram a vivenciar seu espaço de lazer em que a idade avançada não foi uma barreira para conquistar seu espaço, destacando que cada uma lida com seu contexto social de acordo com sua maneira de pensar e reagir às mudanças em sua trajetória de vida.

D. Cotinha nos relata:

“[...] eu freqüento o grupo há muito tempo, junto com a turma lá, nós sai pra passear, vamos em Martinópolis uma vez por mês fazer churrasco e todo domingo vou a missa é o meu prazer [...]”

No depoimento de D. Dinda existe a satisfação em aprender nessa nova fase:

“[...] desde que me aposentei eu não podia parar, aí eu pensei, se eu parar vai ser pior, então comecei a fazer caminhada sozinha, fazer pintura no Termas e estou aprendendo a fazer bolsas. Tudo isso me ajuda, levantou minha auto estima fiz novas amizades e até viagens com a turma do grupo[...]”

D. Toninha ressalta: “[...] a participação no grupo eu gostei muito, mas parei de ir devido a um problema de saúde, mas era uma maravilha, muita coisa mudou na vida da gente, ir num lugar onde tem a comunidade é muito bom fiz novas amizades, freqüentar a missa com os jovens é uma maravilha [...]”

Para D. Mariquinha a participação no grupo também foi algo positivo:

“ [...] sou muito religiosa, vou muito à igreja, viajo com as amigas, isso me faz bem, fazemos atividades físicas, passeios, artesanato e muito mais, isso me motiva muito, ver minhas amigas felizes me faz feliz [...] “

Essas atividades que são desenvolvidas no grupo propiciam melhoras na qualidade de vida delas. Ressaltamos que algumas participantes até pararam de tomar remédios em função da melhoria da qualidade de vida.

“[...] foi quando meu marido morreu, foi para distrair minha idéia que eu entrei no grupo, eu tomava calmante, mas hoje eu não tomo mais [...]” (D. Cotinha).

Freqüentando o grupo uma vez por semana, observamos que não existe barreira para se aprender e renovar o aprendido evitando o estigma de que o velho não produz mais, abrindo espaço para que surja um novo sujeito a conquistar seu espaço.

Pertencendo a um grupo as pessoas passam a ter uma nova visão da vida e de si mesmo, vão se sentindo confiantes, reconhecidos, valorizados e inseridos na sociedade, derrubando estereótipos construídos por essa mesma sociedade que reflete uma visão negativa da velhice.

Conclusão

Durante muitos anos a velhice configurou-se como uma preocupação apenas da família ou mesmo de associações cuidadoras de idosos. Hoje, mesmo a família sendo ainda de grande apoio à pessoa idosa, e de grande importância para sua inclusão no meio social, a questão do idoso atinge a todos, trazendo mudanças no perfil social, econômico e político da sociedade e da própria família. Segundo o Estatuto do Idoso, no seu art. 3 é

obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, a efetivação do direito a vida, saúde, a alimentação, a educação, a cultura, a liberdade, a dignidade, ao respeito, e a convivência familiar e comunitária.

Frente às mudanças ocorridas e ao rápido envelhecimento populacional que hoje se encontra o país, uma nova postura por parte da sociedade, da família e do Estado torna-se necessária diante da questão do idoso.

A questão da velhice segundo Barros (2004), foi até pouco tempo, um assunto sem valor acadêmico. Poucas eram as produções teóricas específicas sobre o tema, só ganhando proporção a partir da segunda metade do século XX. Hoje dadas as proporções numéricas a questão da velhice assume papel central nas discussões científicas.

A autora citada acredita que esse crescimento da teorização acerca da velhice se dá graças aos debates sobre identidade social, às pesquisas na área urbana, às novas formas de organização social, entre outros fatores.

Para Barros (2004), a velhice e o processo de envelhecimento passa a se constituir como campo de investigação na medida em que podem contribuir para a compreensão das mudanças sociais e das relações sociais.

Nessa perspectiva, acreditamos contribuir para melhoria da qualidade de vida dos que vão envelhecer na medida em que busca compreender criticamente o contexto em que vive o idoso que é provedor de seu sustento e de sua família, relevando assim as mudanças sociais que vivemos hoje e a mudança no conjunto de relações da população idosa e sua família, ou melhor da mudança de papéis que acontece no interior dessas famílias e ainda o papel das Políticas Públicas neste cenário.

Conseguimos conhecer como nossas entrevistadas as chegaram até a velhice e como a enfrentam, e nessa nova etapa da vida descobrem que ainda são importantes dentro de suas famílias e da sociedade. E mesmo diante de todas as dificuldades que vem enfrentando no percurso de suas vidas, a perda de seus pais e maridos, problemas de saúde, dificuldades financeiras, não foram barreiras pra que elas deixassem de buscar seu lugar dentro de uma sociedade capitalista, onde o idoso não recebe o devido valor.

Essa descoberta tem um grande significado, deixando de lado os mitos de que os idosos são descartáveis nessa fase da vida, uma vez que podem assumir o papel de provedores de seus lares, e manter um bom relacionamento social, através de suas participações nos grupos da terceira idade, na família, participando de palestras, fóruns, passeios, viagens entre outros, trazendo uma melhora na qualidade de suas vidas.

Ao analisar os dados da pesquisa ficamos conhecendo a relação dessas idosas com suas famílias e observamos que nos casos analisados através das entrevistas que não se encontram só filhos morando e sendo sustentados pela aposentadoria ou pensão de seus pais, apenas por questões financeiras, mas também por questões sentimentais, sendo, entretanto, que a maioria, são por questões financeiras.

Detectamos que dentro dos quatro casos analisados a partir das entrevistas, em três deles, existe uma relação de respeito da família com as idosas, e que

mesmo convivendo com gerações diferentes elas conseguem impor sua autonomia dentro do lar.

Em uma das entrevistas realizadas, observamos que existe um relacionamento conflituoso entre mãe e filho, em que este não mostra respeito por sua mãe. Isso foi observado em vários momentos da entrevista quando se mostrou muito agressivo nas palavras e gestos que dirigia à mãe.

O fato de termos hoje uma grande quantidade de idosos sustentando seus lares com suas aposentadorias e pensões, pode ser ocasionado por vários fatores. Em nossa pesquisa detectamos o fator do desemprego pelo qual filhos voltam a morar com seus pais por não terem mais condições de sustentarem a família que constituiu, e o fator sentimental, em que os filhos não saíram da casa de seus pais por opção.

Ao finalizar essas considerações, ressaltamos a importância da família em torno de seu membro idoso, pois estes vivenciam satisfatoriamente a sua velhice mesmo ajudando na manutenção de suas famílias, sem deixar de conquistar seu espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCO, Maria José L. C. R. **O velho no Brasil pobre e no Brasil Rico**. São Paulo: SESC, 1989.

BARROS, M. L. de Envelhecimento, cultura e transformações sociais. PY, Ligia et al. (Org.). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau 2004. p. 39-56.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Ligia et al. (Org.). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau 2004. p. 39-56.

BASSIT, Ana Zahira. **Menopausa**: uma passagem ao poder? ou início de um combate cultural? Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002b.

BERQUÓ, Elza. **Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil**. Brasília: Ministério da Previdência Social, 1996.

BORGES, Maria Claudia Moura. **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos Velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Poder Executivo. Ministério da Justiça. **Política nacional do idoso:** declaração universal dos direitos humanos: programa nacional de direitos humanos. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos.1998.

BREDEMEIER, Sonia Mercedes Lenhard. Conselho do idoso como espaço público. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 24, n. 75, p. 84-102, set. 2003.

CAMARANO, Ana; MELLO Juliana. É tudo por conta do velhinho. **Veja**, São Paulo, ano 38, n. 8, p. 34, 23 fev. 2005.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As Mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FACULDADES INTEGRADAS ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO. **Guia do Idoso**. Presidente Prudente: Associação Educacional Toledo, 2004.

FREITAS, Elizabete Viana de. De demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Ligia et al. (Org.). **Tempo de envelhecer:** percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau 2004. p. 19-35.

GOLDMAN, Sara Nigri. As dimensões sócio políticas do envelhecimento. In: PY, Ligia et al. (Org.). **Tempo de envelhecer:** percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau 2004. p. 61-76.

GOUVÊA, Maria Augusta Christo de. **Terceira idade, ainda tempo de semear**. Petrópolis: Vozes, 2002 .

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **O direito a velhice**: os aposentados e a previdência social. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2003**. Brasília, 2003. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 out. 2005.

UNQUEIRA, Ester Dalia Silvestre. **Velho**: e por que não? Bauru: Edusc, 1998.

KARSCH, Ursula M. Cuidadores familiares de idosos: parceiros da equipe de saúde. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 24, n. 75, p.103-113, set. 2003.

KAUFMANN, Tania. **A idade de cada um**: vida plena na velhice. Petrópolis: Vozes, 1982.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEME, Luiz Eugênio Garcez; SILVA, Sérgio Carvalho Pereira da. O idoso e a família. In: CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; PAPALÉO NETTO, Matheus. **Geriatría**: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000. p. 92-97.

MALTEMPI, Maria Ângela Cabanilha de Souza. **A cultura organizacional e o envelhecer**: estudo de caso: a paisagem mental simbólica de uma empresa em relação ao seu envelhecer e ao de seus empregados. 2001. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINELLI, Maria Lucia. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

NOVAES, P. **A terceira idade**. Rio de Janeiro: CBISS, 1992.

PACHECO, Jaime Lisandro. Trabalho e aposentadoria. In: PY, Ligia et al. (Org.). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau 2004. p. 201-224.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas: Papiros, 1999.

PARDO, Elaine Oliveira; ALMEIDA, Franciane Aparecida de. **Lazer na terceira idade**. 2001. 63 f. Monografia (Graduação) - Associação Educacional Toledo, Presidente Prudente, 2001.

PEREIRA, Dulce Maria (Org.). **Idoso**: encargo ou patrimônio?: o envelhecer em São Paulo. São Paulo: Corpo Municipal de Voluntários, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre técnica de gravador no registro de informação viva**. São Paulo: CERU, FFCCH/USP, 1983.

SALES, Luzia Fabiana; LUIZARI, Rita Aparecida; SOUZA, Suely Zambelli Silva de. **(Re)inventando a temporalidade**: grupo da melhor idade dança de rua alegria de viver. 2002. 134 f. Monografia (Pós-graduação) - Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo, Presidente Prudente, 2002.

SALGADO, M. A. **A questão social da velhice**. Rio de Janeiro: CBCISS, 1992.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ANEXOS

1. Roteiro de Entrevista

1- Identificação:

Nome/ Data de Nascimento/ Filiação/ Estado Civil/ Escolaridade/ Filhos, netos e bisnetos/ Endereço.

2- História da Família: Origem e identificação dos membros das famílias durante as fases de sua vida até o momento (casamento infância). Relações pessoais, família, trabalho. Adaptação ao processo de envelhecimento.

3- Vida Social: O que levou a participar do grupo da terceira idade. Com ingresso desse grupo houve mudança na vida biopsicossocial.

4- O que entende por lazer, e se pratica.

5- Instituições em que busca amparo.

6- Papel das políticas sociais.

7- Família; Qual o papel desempenhado pelo idoso e demais. Posição hierárquica e conflitos geracionais. Se há relações afetivas/ auto-estima/contatos/status econômicos/ afetivos e sociais. Como no cotidiano a família vivencia o idoso chefe de família.

8- Situação financeira: Como se deu através do tempo, profissões desenvolvidas durante sua vida. Renda suficiente para sua manutenção. Houve algum preparo para aposentadoria. De que forma obteve a aposentadoria? Possui

algum benefício? Existe outra fonte de renda fora a aposentadoria. O que levou ser provedor de Família?

9- Situação de Provedor

2. Formulário

Identificação:

Nome:

Idade:

Naturalidade: Zona Rural() Zona Urbana ()

Estado:

Estado Civil: casado () solteiro () divorciado() viúvo () União estável ()

Endereço:

Bairro

Escolaridade

1º grau completo ()

2º grau completo ()

Superior completo ()

Outros, Qual?

1º grau incompleto ()

2º grau incompleto ()

Superior incompleto ()

Situação Familiar

Mora com quem? Esposo () filhos () nora () netos () bisnetos ()

Outros ...

Quantos?

Tipos de moradia

Casa: alvenaria () Madeira ()

própria () alugada () cedida () financiada () outros:

quantos cômodos?

(se possui anexo-puxadinho)

Renda Individual

Proveniente: aposentadoria () benefício () rendas () pensão ()

Renda familiar ?

Historia da família de Origem

- Fale-me sobre a trajetória da sua vida; desde a infância, relação família trabalho ate casamento.
- Como a senhora vem se adaptando ao processo de envelhecimento ao qual esta passando. (relação aos valores trazidos da família de origem)

Dificuldades de agir diante dos problemas.

Família atual

Identificação de todos os membros: nome, grau de parentesco, idade, escolaridade, profissão.

- Em sua casa qual o papel que a senhora desempenha? (hierarquia). E os demais. Relações afetivas junto ao papel desempenhado na posição hierárquica.
- A senhora tem um bom relacionamento familiar e social?
- Dentro de seu cotidiano como é visto o idoso e como os demais membros se referem a ele?

Vida Social

- Para a senhora o que significa lazer?
- Além de participar do grupo qual outra atividade realiza?
- Qual o motivo que a levou a participar desses grupos? A participação trouxe mudanças para sua vida?
- Quais instituições a senhora já buscou ou busca amparo de suas necessidades afetivas ou até mesmo financeira;
- Alcançou o que pretendia;
- A senhora busca ter acesso aos seus direitos como cidadã nas áreas das políticas públicas como a saúde, educação. De que forma;
- A renda que a senhora possui é suficiente para atender seus desejos;

Situação Financeira

-Como é a sua situação financeira? Sempre foi assim?

Fale-me sobre a sua vida profissional?

- A senhora se preparou para a aposentadoria? Como foi se aposentar;
- A senhora ainda trabalha? Sua renda é suficiente? Os outros integrantes ajudam na manutenção da casa de forma igualitária;

Provedor

- O que levou a assumir as responsabilidades atuais;
- Sentimentos (exploração, raiva, frustração, valorização, prazer)
- Gostaria de estar em outra posição familiar (cuidado, troca de afeto, relacionamentos afetivos).